

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO PÚBLICA E  
COOPERAÇÃO INTERNACIONAL  
MESTRADO EM GESTÃO PÚBLICA E COOPERAÇÃO INTERNACIONAL**

**ADRAINNE PÂMELLA SOARES VELOZO**

**ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS  
EMPREENDEDORAS DOS PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE  
CAMPINA GRANDE - PB**

**JOÃO PESSOA – PB**

**2019**



**ADRAINNE PÂMELLA SOARES VELOZO**

**ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS  
DOS PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE - PB**

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Gestão Pública e Cooperação Internacional, na linha de pesquisa Gestão Governamental e Social, como pré-requisito para obtenção do título de mestre, no Programa de Pós-graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional (PGPCI) da Universidade Federal Paraíba (UFPB).  
Orientadora: Dra. Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo

**JOÃO PESSOA – PB**

**2019**

**ADRAINNE PÂMELLA SOARES VELOZO**

**ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS  
DOS PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE – PB**

Dissertação aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo, Profa. Dra.  
Orientadora

---

Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho  
Examinadora Interna, Profa. Dra.

---

Cristina Clara Ribeiro Parente  
Examinadora Externa, Profa. Dra.

## RESUMO

VELOZO, Adrainne Pâmella Soares. **ECONOMIA POPULAR: O PERFIL DE COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS DOS PEQUENOS COMERCIANTES DO SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE – PB**. 143f. (Dissertação de mestrado em gestão Pública e Cooperação Internacional) – Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional, UFPB, João Pessoa – PB, 2019.

Essa dissertação teve como objetivo principal “identificar o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular”. Para obtenção dos dados foi realizada a aplicação de entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, com vinte e seis pequenos comerciantes que trabalham no Parque do Povo, na festa de São João de Campina Grande. Os discursos obtidos com a aplicação das entrevistas foram categorizados à luz da análise de conteúdo Bardin (2007). As categorias e subcategorias do trabalho foram definidas a priori, onde as três categorias estabelecidas correspondem aos três objetivos específicos da pesquisa e as subcategorias correspondem as questões do roteiro de entrevista. Os resultados obtidos a partir do primeiro objetivo mostraram que os pesquisados em média trabalham no Parque do Povo a 17,65 anos e a maior parte deles possuem apenas o ensino fundamental incompleto, trabalham com familiares, amigos e funcionários e se autodeclararam como trabalhadores autônomo. Os pesquisados associam o termo “gestão” a experiência prática, investimento e despesas e funções e especificidades de suas atividades, além da organização de atividades. Já os resultados obtidos por meio do segundo objetivo mostraram que além da relevância histórica, a festa proporciona a muitos trabalhadores a oportunidade de ter ou aumentar uma renda (mesmo que sazonalmente) e visibilidade, o que proporciona a chance de expansão de seus negócios e manutenção de um empreendimento durante todo o ano, porém nem todos os pesquisados fazem parte da Economia Popular, mas apresentam alguns aspectos populares que podem ser encontrados dentro de características das Competências Empreendedoras e Laborais. A necessidade e a prática do próprio trabalho muitas vezes foi o meio de aprendizagem de seus conhecimentos. Por fim, o último objetivo, mostrou que o componente solidário pôde ser identificado em alguns momentos como na ajuda mútua entre os trabalhadores da festa e entre os membros associados, a reciprocidade, a participação e a mobilização para resolver o problemas comuns a todos os pequenos comerciantes.

**Palavras-chave:** Festa de São João de Campina Grande; Economia Popular; Competências Empreendedoras.

## ABSTRACT

VELOZO, Adrainne Pâmella Soares. **POPULAR ECONOMY: THE PROFILE OF ENTREPRENEURING SKILLS OF CAMPINA GRANDE SMALL TRADERS OF.** 143f (Master thesis in Public Management and International Cooperation) - Postgraduate Program in Public Management and International Cooperation, UFPB, João Pessoa - PB, 2019.

This dissertation had as its main objective “to identify the Entrepreneurial Skills profile of small merchants of São João de Campina Grande - PB in the light of the Popular Economy”. To obtain the data, interviews were conducted using a semi-structured script, with twenty-six small merchants working in the Parque do Povo at the party of São João de Campina Grande. The speeches obtained through the application of the interviews were categorized in the light of content analysis Bardin (2007). The categories and subcategories of the work were defined *a priori*, where the three established categories correspond to the three specific research objectives and the subcategories correspond to the interview script questions. The results obtained from the first objective showed that the average respondents work in Parque do Povo party is 17.65 years and most of them have only incomplete elementary school, work with family, friends and employees and self-declared as self-employed. Respondents associate the term “management” with practical experience, investment and expenses, and the functions and specificities of their activities, as well as the organization of activities. The results obtained through the second objective showed that besides the historical relevance, the party offers many workers the opportunity to have or increase income (even seasonally) and visibility, which gives them the chance to expanding its business and maintaining a venture throughout the year, however not all surveyed are part of Popular Economy, but have some popular aspects that can be found within the characteristics of Entrepreneurial skills and Labour skills. The need and practice of their own work was often the means of learning your knowledge. Finally, the last objective showed that the solidary component can be identified in some moments as mutual help among party workers and associated members, reciprocity, participation and mobilization to solve the problems common to all small merchants.

**Keywords:** Campina Grande São João party; Popular Economy; Entrepreneurial Skills.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1:** Quadrilha junina de Campina Grande.....18
- Fotografia 2:** Estande de um trabalhador ambulante que vende brinquedos e acessórios.....47
- Fotografia 3:** Quiosques na festa de São João de Campina Grande.....48
- Fotografia 4:** Barracas (3x3) na festa de São João de Campina Grande.....48
- Fotografia 5:** Barracas (3x4) na festa de São João de Campina Grande.....49

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura1:</b>	Layout do Parque do Povo em 2019.....	19
<b>Figura 2:</b>	Modelo de Competências Profissionais de Cheetam e Chivers.....	36
<b>Figura 3:</b>	Modelo de Competências Laborais de Paiva.....	37
<b>Figura 4:</b>	Design da Pesquisa.....	42

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b>	Levantamento da literatura pesquisada.....	13
<b>Quadro 2:</b>	Correntes do conceito competência.....	34
<b>Quadro 3:</b>	Componentes do modelo de Competências Laborais de Paiva.....	38
<b>Quadro 4:</b>	Áreas das competências e seu foco comportamental – Competências Empreendedoras.....	40
<b>Quadro 5:</b>	Objetivos e questões de pesquisa.....	43
<b>Quadro 6:</b>	categorias e subcategorias da pesquisa.....	45
<b>Quadro 7:</b>	Identificação dos pequenos comerciantes que trabalham na festa de São João em Campina Grande.....	46
<b>Quadro 8:</b>	Média de anos que os pequenos comerciantes trabalham na festa de São João em Campina Grande.....	50
<b>Quadro 9:</b>	Grau de escolaridade dos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande.....	53

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE A TEMÁTICA.....</b>	<b>16</b>
<b>1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA.....</b>	<b>18</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 ENTENDENDO A FESTA JUNINA DE CAMPINA GRANDE – PB.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 DA INFORMALIDADE À ECONOMIA DE SETORES POPULARES.....</b>	<b>21</b>
2.2.1 Da economia social à economia solidária.....	25
2.2.2 Economia Popular.....	27
2.2.3 Economia Popular Solidária.....	32
<b>2.3 CONTEXTUALIZANDO COMPETÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>
<b>2.4 COMPETÊNCIAS LABORAIS E EMPREENDEDORAS.....</b>	<b>36</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>43</b>
<b>3.1 Instrumento e Processo de Coleta de Dados.....</b>	<b>44</b>
<b>3.2 Procedimentos de Análise dos Dados.....</b>	<b>47</b>
<b>3.3 Sujeitos da Pesquisa.....</b>	<b>48</b>
<b>4 ANÁLISES DOS RESULTADOS.....</b>	<b>51</b>
<b>4.1 Caracterização da atividade empreendedora no São João de Campina Grande.....</b>	<b>52</b>

<b>4.2 Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande.....</b>	<b>58</b>
<b>4.3 Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande.....</b>	<b>69</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>90</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Considerada como uma manifestação da cultura popular, a festa junina do município de Campina Grande – PB, também conhecida tradicionalmente como “O Maior São João do Mundo”, acontece durante todo o mês de junho em diversos pontos da cidade, sendo o Parque do Povo o local de maior concentração e visibilidade dos festejos. Neste local é possível encontrar tanto os grandes empreendimentos, como restaurantes com grande poder aquisitivo, quanto pequenos empreendimentos como quiosques, barracas e o comércio ambulante.

Os comerciantes que atuam nesses pequenos empreendimentos recebem diversos termos para designar a sua forma de trabalho, como economia informal, setor ou comércio informal, vendedores ambulantes, “economia subterrânea” ou “paralela”, setores populares e muitos outros. Ainda há um conflito ao usar o termo “informal”, pois, o mesmo pode trazer consigo conotação pejorativa, sendo entendido como sinônimo da ilegalidade (OIT, 2006; FELDER; PATRONI, 2018).

As Nações Unidas, em relatório apresentado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgado em 2018, alerta que mais de 61% da população empregada no mundo, em torno de 2 bilhões de pessoas, está inserida na economia informal. O Brasil apresenta quase metade (46%) de sua população ativa participando deste setor.

Na maioria dos casos esse tipo de atividade laboral permeia entre a economia formal e a não formalizada. Vale lembrar que, de acordo com a OIT (2016), a Economia Informal tem taxas elevadas de emprego informal e é considerada a causa do atraso do desenvolvimento de países da América Latina e Caribe.

Kraychete (1999) afirma que, embora o comércio ambulante se manifeste mais proeminente dentro da economia de setores populares, existem outras atividades ligadas a esta economia. Para alguns autores (GAIGER, 2009; FELDER e PATRONI, 2018) a economia informal passou a ser entendida como Economia Popular. Gaiger (2009) acrescenta que os termos “informal, popular e solidário” não são incompatíveis, mas tampouco indiferentes e que dentro do cenário da economia da América Latina as iniciativas de Economia Solidária prosperaram sem deixar de ser informais. Especificamente em relação a festa de São João de Campina Grande, Perdigão (2014) afirma que sua realização traz benefícios para a economia informal, vendedores ambulantes, taxistas, mototaxistas, bares e restaurantes, prestadores de serviços, assim o comércio como um todo é favorecido com a realização evento.

Os pequenos comerciantes do São João de Campina Grande passam por seleção e cadastro na prefeitura, para poderem trabalhar no parque do Povo. O processo do cadastro exige uma série de documentos, comprovantes e presença em cursos e palestras informativas sobre a festa com as autoridades competentes.

Desta forma, apesar dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande não se inserirem diretamente nos meios de trabalho formalizados durante maior parte do ano, ainda assim, eles trabalham legalmente e sobre arranjos formais dentro da festa de São João de Campina Grande, conseguindo renda extra para si mesmo e sua família. Eles podem desenvolver, pois, suas competências, capacidades e oportunidades sociais, por meio de aspectos da Economia Popular, trazendo significado para reprodução da vida ampliada, com uma melhor qualidade de vida (CORAGGIO, 1999).

Para entender como os aspectos da Economia Popular e da solidariedade poderiam interagir com o desenvolvimento das competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande foi necessário trazer o deslocamento do termo “competências profissionais” para “competências laborais”, visto que nem todos os trabalhadores dessa economia são formalizados e as competências laborais permitem analisar competências de trabalhadores, independentemente do nível de formalização do trabalho que eles realizam (PAIVA, 2012). Logo, entende-se, que as ações empreendedoras estão associadas às competências laborais que podem interferir no desempenho das atividades desenvolvidas pelos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande.

Este estudo está alinhado a conceituação das Competências Laborais de Paiva (2012, p. 506) como sendo “a mobilização de forma particular pelo trabalhador na sua ação laboral de conjuntos de saberes de naturezas diferenciadas que gerou resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (comunitário)”. Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é “identificar o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular”. Para tanto, os objetivos específicos traçados compreendem: (a) caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; (b) identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande; (c) verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular.

Desta forma este estudo pretende responder a seguinte questão de pesquisa **“Qual o perfil de competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande à luz da Economia Popular?”**, seguindo o modelo de competências empreendedoras de Man e Lau (2000), o modelo de competência profissional de Cheetham e Chivers (1996, 1998 e 2000) e o modelo de Competências Laborais de Paiva (2012) e apoiando-se na pesquisa empírica.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

A festa de São João em Campina Grande faz parte do calendário oficial de eventos da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) e Nóbrega (2010) descreve a festa, como sendo um megaevento reconhecido como a mais expressiva realização festivo-cultural do ciclo junino do nordeste brasileiro. Tal evento movimenta uma grande estrutura financeira e traz grandes oportunidades de geração de empregos e de criação de empreendimentos (embora sazonais), trazendo a perspectiva de uma economia voltada para setores populares, além da geração de empregos. Perdigão (2014) ressalta que o evento apresenta relevância na cidade de Campina Grande, por causar implicações sociais, econômicas e culturais para seu povo. Segundo a prefeitura municipal de Campina Grande, a cidade foi visitada por aproximadamente 1,8 milhão de pessoas no período da festa de São João no ano de 2019 e a economia da cidade teve um aumento de 300 milhões de reais e o faturamento de bares, hotéis e restaurantes aumentou 30% em relação à edição anterior (2018). Logo percebe-se que a atividade empreendedora em Campina Grande tem grande potencial e merece um olhar diferenciado em relação ao contexto em que está inserida.

Este trabalho se insere no oitavo objetivo de desenvolvimento sustentável – ODS das Nações Unidas - ‘Trabalho Decente e Crescimento Econômico’, considerada uma agenda de pesquisa que é aceita por todos os países e é aplicável a todos (NAÇÕES UNIDAS, 2015). Além disso, a festa de São João de Campina Grande por meio de sua representatividade no cenário de eventos tem grande projeção regional e nacional podendo acolher vários trabalhadores que procuram oportunidade de emprego e geração de renda. Assim, esta dissertação que tem como objetivo “identificar o perfil de Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular”, traz questões discutidas numa agenda internacional e também está alinhada a linha de pesquisa Gestão Governamental e Social do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional

que discute as transformações na gestão de interesse público e suas implicações para a sociedade.

Esta pesquisa busca ainda trazer uma contribuição teórica, uma vez que faltam estudos que relacionem os temas Economia Popular e Economia Solidária com Competências Empreendedoras, Competências Profissionais e Competências Laborais. Além disso, o estudo das Competências Laborais, é um tema é novo, que foi discutido pela primeira vez no ano de 2012, em um estudo que propôs o deslocamento do conceito “competência profissional” para “competência laboral” (PAIVA, 2012). Podemos observar no Quadro 1 as buscas que foram realizadas nas bases de dados e indexadores *Web of Science* e *Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL)*.

Quadro 1: Levantamento da literatura da pesquisa

Base/ Indexador	Período de busca	Termo utilizado	Ocorrência
<i>Spell</i>	Últimos 5 anos	Economia Popular	0
	Últimos 5 anos	Economia Solidária	23
	Últimos 5 anos	Autônomo (trabalho)	3
	Últimos 5 anos	Trabalho por conta própria	0
	Últimos 5 anos	Competências Empreendedoras	12
	Últimos 5 anos	Competências Profissionais	4
	Últimos 5 anos	Competências laborais	0
<i>Web of Science</i>	Últimos 5 anos	Economia Popular	45
	Últimos 5 anos	Economia Solidária	52
	Últimos 5 anos	Autônomo (trabalho)	40
	Últimos 5 anos	Trabalho por conta própria	17
	Últimos 5 anos	Competências Empreendedoras	11
	Últimos 5 anos	Competências Profissionais	38
	Últimos 5 anos	Competências laborais	16

Fonte: Elaborado pela autora.

Para fazer as pesquisas dos temas nas duas bases acima, foram utilizados os filtros “período de busca” em que foi buscado os artigos publicados nos últimos cinco anos, usou-se o filtro “categorias”, onde as categorias buscadas foram: *Sociology*, *Anthropology*, *Social Sciences Interdisciplinary*, *Economics*, *Political Science*, *Management* e *Geography*. Além das bases de dados utilizadas, a construção do referencial teórico também contou com livros, teses e dissertações.

## 1.2 ESTUDOS DESENVOLVIDOS SOBRE A TEMÁTICA

Diversos estudos mencionam a experiência das economias populares na Argentina (GAGO; CIELO; GACHET, 2018). Como exemplos de estudos realizados em países da América Latina sobre as temáticas da informalidade e das economias popular e solidária temos os de Felder e Patroni (2018), que alegam que a reestruturação econômica, na Argentina, levou ao aumento da informalidade, precariedade, desemprego e da pobreza; Álvarez (2018) realizou uma pesquisa, também na Argentina, que objetivou contribuir para o estudo das formas em que os chamados "setores populares" desenvolvem práticas criativas para atender a produção e reprodução da vida a partir de experiências variadas de precariedade; e de Silva e Zanini (2014) que trazem a análise do crescimento da economia solidária no contexto da sociedade capitalista na cidade de Santa Maria – RS.

Gago, Cielo e Gachet (2018) referem os casos do Equador, Venezuela e Bolívia durante os chamados "governos progressistas", em que houve a introdução dos conceitos referentes à economia de setores populares. Os autores, ainda trazem um estudo em forma de dossiê, em que é observada uma tentativa de mapear as economias populares na América Latina, buscando enfatizar a presença de uma formação histórica específica a um alinhamento de realidades temporais.

Além disso, podem ser mencionados autores que trazem estudos sobre Economia Popular Solidária, como Guerrero, Serrano e Díaz (2016); e Callebert (2014), que realizou estudo na África do Sul, e trouxe uma importante reflexão sobre a dualidade entre a economia dos marginalizados (setor informal) e a economia dos trabalhadores assalariados (setor formal). Essa reflexão de Callebert vai ao encontro da perspectiva da “unidade doméstica” abordada por Coraggio (1999), pois na unidade doméstica tanto as famílias (unidade familiar) quanto os indivíduos que possuem mesmo objetivo em comum (trabalham juntos) estão em busca de meios que garantam seu bem-estar e sua sobrevivência. As pesquisas realizadas por Kraychete; Coraggio e Singer (1999) ao mesmo tempo em que se complementam, também apresentam discordâncias. Todos esses autores e alguns outros apresentados no referencial teórico deste projeto contribuíram para a formação da primeira parte do referencial, que procurou tratar das Economias dos Setores Populares de forma bastante ampla e apresentando uma diversidade crítica sobre o tema.

A temática das competências, também apresentada no referencial teórico deste projeto, foi construída com o intuito de dar suporte à construção de um perfil de

competências empreendedoras à luz da Economia Popular. Logo, para a construção das competências empreendedoras é necessário ter um entendimento sobre a noção de Competência, e essa noção foi descrita por alguns autores que buscaram a conceituação para competência como Zarifian, Fleury e Fleury (2001), Le Boterf (2003), Ruas (2008), Shimizu e Fragelli (2015). Além disso, buscou-se a apropriação do termo competências empreendedoras utilizando-se os estudos de Bunk (1994), Cheetham e Chivers (1996; 1998; 2000), Paiva (2007) Barros e Paiva (2013) e Cançado (2017). Foram utilizados, em especial os das pesquisas de Cheetham e Chivers que trazem um modelo de competências profissionais e a autora Paiva que acrescenta mais um componente a esse modelo, o componente político, além de trazer um modelo novo que permite analisar competências de trabalhadores, independentemente do nível de formalização do trabalho que eles realizam (PAIVA, 2012). Por último, entre os estudos que ajudaram na construção da literatura a respeito das competências empreendedoras estão Man e Lau (2000), Hanma e Teixeira (2011), Lizote e Verdinelas (2014), Silva e Klein (2016) e Zonatto et al (2017), com destaque para o estudo de Man e Lau, com as seis áreas da competência empreendedora desenvolvidas por eles.

Foi observado durante a construção do referencial que muitos estudos a respeito das competências profissionais são relacionados ao campo da saúde, como por exemplo, o estudo de Martins et al. (2017) que objetivou conhecer quais competências profissionais são mobilizadas no exercício da função, pelos gestores de nível estratégico de uma operadora de autogestão em saúde. Outra pesquisa de Nascimento e Oliveira (2010) apresentam algumas reflexões acerca das ferramentas utilizadas no cotidiano do trabalho nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família e as competências profissionais requeridas.

Assim como na área da saúde o termo competência também é encontrado na área da educação, como no estudo realizado por Esteves (2009), em que se buscou uma construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. Lizote et al. (2018) também abordam as competências empreendedoras por meio do intraempreendedorismo.

Diante dos estudos já desenvolvidos, a proposta dessa dissertação se apoiou tanto na literatura sobre Economia Popular e Solidária, quanto naquela voltada às Competências Profissionais e seu deslocamento conceitual para Competências Laborais.

### **1.3 ESTRUTURA DA PESQUISA**

Este Trabalho estará estruturado em cinco capítulos. Onde o primeiro capítulo é referente a introdução e justificativa desta pesquisa, além de trazer alguns estudos desenvolvidos na área pesquisada. O segundo capítulo é o referencial teórico que traz o fundamento da pesquisa e que dá apoio para a pesquisa empírica. O terceiro capítulo é composto pelos aspectos metodológicos da pesquisa dividido em Instrumento de Coleta de Dados; Análise dos Dados e, por último Sujeitos de Pesquisa. O quarto capítulo é referente as análises dos resultados onde estão apresentados os resultados desta pesquisa com base nos dados empíricos e nas teorias estudadas. O quinto e último capítulo diz respeito as considerações finais da pesquisa trazendo uma reflexão sobre as análises apresentadas no trabalho, assim como suas limitações e sugestões de pesquisas futuras.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Este estudo tem como referencial teórico os seguintes tópicos: Entendendo a festa junina de Campina Grande – PB, no qual é abordado o campo em que a pesquisa foi realizada; Da Informalidade à Economia de Setores Populares, que apresenta os conceitos, termos e características destes aspectos na visão de diversos autores; Da Economia Social à Economia Solidária que traz o surgimento e os conceitos desses termos;

Além destes, ainda se apresenta mais um tópico que trata da Economia Popular e Economia Popular Solidária, em que são apresentadas suas conceitualizações e características contextuais. Por fim, é explicitada uma contextualização e os conceitos de competências profissionais, laborais e empreendedoras.

### **2.1 ENTENDENDO A FESTA JUNINA DE CAMPINA GRANDE – PB**

O município de Campina Grande localiza-se na Serra da Borborema, na mesorregião Agreste do estado da Paraíba a 130 km da Capital do estado, João Pessoa. A cidade que conta com uma área de 621 km<sup>2</sup> tem, segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (coloque aqui por extenso o significado), uma população de residentes estimada de 407.472 habitantes para o ano 2018<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>  
História de Campina Grande: <http://campinagrande.pb.gov.br/historia/>

As primeiras manifestações juninas<sup>2</sup> na cidade possuíam um formato de comemoração tradicional e foram trazidas pelos colonizadores, suas origens remontam ao início do século passado. Essas comemorações eram realizadas no interior das casas, com características das tradições rurais (PERDIGÃO, 2014). Os festejos eram organizados por familiares e amigos próximos que se reuniam, entre a véspera e o dia 24 de junho, para celebrar o santo São João (catolicismo) com músicas e danças tradicionais juninas, comida típica, fogueira, fogos de artifício, balões e casas decoradas.

No final da década de 1970, segundo Nóbrega (2010), o evento que antes era realizado nos bairros, foi centralizado no “Palhoção”, um barracão rústico e grande, coberto de palha, e que no ano de 1983 foi construído o “Parque do Povo”, local onde se concentram os festejos juninos, no centro da cidade, dando mais visibilidade ao evento e trazendo consigo o *slogan* de “O Maior São João do Mundo”.

O Parque do Povo é o local de realização da maior parte dos festejos, e por isso foi escolhido para a aplicação desta pesquisa. A festa é pública, contendo várias atrações, dentre elas, as apresentações de quadrilhas juninas<sup>3</sup>, surgidas em Paris no século XVIII com o nome de “*quadrille*”, uma dança de salão composta por quatro casais, e que passou a ser dançada pelo povo brasileiro em várias partes do país se fundindo com várias manifestações brasileiras preexistentes, tendo maior destaque nas festas de São João do nordeste brasileiro segundo a Empresa Brasil de Comunicações – EBC (2013) Há também no Parque do Povo a realização de casamentos coletivos, apresentações de shows de artistas locais, regionais e nacionais, exposição de réplicas de locais da cultura nordestina local, entre outras atrações. Há, também, no local alguns acessos restritos que só podem ser utilizados mediante entrada paga, como por exemplo, os camarotes.

No Parque do Povo encontram-se tanto empreendimentos de grande e médio porte, como bares e restaurantes, quanto pequenos empreendimentos e o comércio ambulante, cujos negócios possuem um espaço menor para o funcionamento. Os empreendedores de pequeno porte trabalham sozinhos, associados ou em companhia de familiares e amigos com o mesmo propósito.

Fotografia 1: Quadrilha junina (Moleka 100 Vergonha) de Campina Grande.

---

<sup>2</sup> Manifestações culturais da festa de São João.

<sup>3</sup> Mistura de dança, teatro e música, que contam as histórias do povo nordestino em torno de um casamento fictício.



Fonte: Iara Alves - G1.

Segundo Perdigão (2014), a festa de São João de Campina Grande está inclusa no calendário de eventos do Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR. O autor, também, afirma que a EMBRATUR e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO reconheceram o São João de Campina Grande como 'manifestação autêntica da diversidade cultural brasileira' no ano de 2009.

Perdigão (2014) afirma que um evento deste porte traz benefícios para a economia informal. Vendedores ambulantes, taxistas, mototaxistas, bares e restaurantes, prestadores de serviços, o comércio como um todo se favorece com a realização da festa de São João de Campina Grande. No ano de 2019 a festa está na sua 36<sup>a</sup>. De acordo com a prefeitura de Campina Grande:

“Os dividendos econômicos do evento beneficiam até municípios vizinhos, na confecção de fantasias, transportes, artesanatos, dentre outros itens e até hospedagem, quando a rede hoteleira de Campina esgota sua oferta de leitos, com os turistas procurando cidades periféricas como Lagoa Seca, Queimadas, dentre outras”.

De acordo com o G1 Paraíba (2019b) o Parque do Povo é o local de maior concentração da festa de São João de Campina Grande, ele tem uma área total de 42,5 mil m<sup>2</sup>. Além de receber os principais shows da festa, o espaço tem cidade cenográfica, com réplicas de prédios e templos históricos de Campina Grande, como Cassino El Dorado, Correios e Telégrafos, Vila Nova da Rainha, Cine Capitólio e Catedral de



Assim, a OIT também entende que a economia informal absorve os trabalhadores que, de outra forma, não teriam trabalho nem rendimentos e que os trabalhadores da economia informal abarcam trabalhadores assalariados e trabalhadores por conta própria.

Segundo as Nações Unidas, em relatório apresentado pela OIT, divulgado em 2018, cerca 93% dos trabalhadores atuam no setor informal e vivem em países emergentes e em desenvolvimento. Dentre os países lusófonos, Angola tem 94% de participação na economia informal, Timor-Leste tem 71%, o Brasil apresenta quase metade da população (46%) participando desse setor, enquanto Portugal registra apenas 12%.

Como o termo informalidade pode ser entendido de diferentes maneiras a depender de países e culturas diferentes, Felder e Patroni (2018) alertam que se deve tomar cuidado com o uso do termo informalidade, para não entrar no campo da ilegalidade. A OIT, também faz o mesmo alerta em relação ao uso do termo informalidade, entretanto explica que em alguns países a economia informal é sinônimo de "economia subterrânea" ou "paralela". Quanto a conceituação,

Gogola (2007) apresenta o termo “microempreendimentos urbanos” e afirma que estes são caracterizados pelos baixos níveis de produtividade e pela pouca diferenciação entre capital e trabalho, além de serem estabelecimentos de natureza não tipicamente capitalista. O autor ainda cita que nesses estabelecimentos atuam trabalhadores independentes ou autônomos ou trabalhadores por conta própria<sup>6</sup> (inclusive profissionais liberais). De tal modo, Ruiz et al. (2015) afirmam que:

Embora o desenvolvimento conceitual dado pela OIT mostra que não há uma diferenciação clara entre o emprego formal e o informal, é apropriado fazer dois esclarecimentos: 1º - No emprego informal não existe em oposição ao emprego formal; 2º - A informalidade não representa um setor diferente da economia (está inserida em todas as suas áreas).

Também é possível notar que empregos formais podem oferecer oportunidades para comércio informal, como o de ambulantes que fornecem mercadorias e serviços tanto ao setor formal quanto ao seu próprio setor. Desta forma, os interesses dos trabalhadores, sejam assalariados ou informais, e os desempregados não podem, de forma tão breve, ser separados, já que muitos desempregados dependem de transferências de trabalhadores do setor formal (CALLEBERT, 2014). Santiago e

---

<sup>6</sup> Trabalhadores por Conta Própria (TCP): “indivíduos que, sem subordinação ou vínculo estabelecido por contrato de trabalho ou equiparado, se obriguem a prestar serviços a outrem. Integram, ainda, este regime os profissionais liberais organizados em ordens ou associações profissionais, desde que não possuam um regime de Protecção Social Obrigatório Próprio”. Fonte: INSS

Vasconcelos (2017) descrevem que os estudos sobre informalidade ainda costumam relacionar indistintamente o trabalho por conta própria com a informalidade. Porém os autores acreditam que

O trabalho por conta própria é obrigatoriamente informal se for analisado exclusivamente pelo enfoque setorialista, mas se for utilizado como critério o fato das unidades econômicas e dos trabalhadores estarem – na lei e na prática – cobertos por arranjos formais, nem todo trabalhador por conta própria é informal (SANTIAGO E VASCONSELOS, 2017).

Dessa forma é necessário perceber que a busca pela formalização passa pelo objetivo de um trabalho digno e com garantias e direitos que um emprego formal garante como a aposentadoria, o auxílio doença, a licença maternidade, entre outros. Conforme Müller e Colloredo-Mansfeld (2018), a economia informal dos pequenos comerciantes latino-americanos tem sido vista como distintamente contemporânea e potencialmente transformadora, operando à margem do capitalismo. Para Callebert (2014), devem-se considerar as economias formal e informal intrinsecamente ligadas, assim como os interesses dos trabalhadores assalariados e de classe baixa como não necessariamente em oposição. Um ponto a ser pensado é quanto ao meio de solidariedade entre esses setores, por meio de uma unidade doméstica, onde todos os membros se ajudam (CORAGGIO, 1999).

Ruiz et al. (2015) definem emprego informal como local de trabalho regulamentado no mercado laboral que geralmente implica um acordo informal entre empregado e empregador ou trabalhador por conta própria, não implicando em uma troca no mercado de trabalho, mas apenas produtos e serviços. Os trabalhadores por conta própria não necessariamente são assalariados e o empregador também pode trabalhar diretamente na atividade, opcionalmente fazendo uso de ajudantes não-remunerados, geralmente familiares (GOGOLA, 2007). Gaiger (2009) descreve quanto a Economia Informal que fenômeno de fronteiras ambíguas, prevaleceu na América Latina com ângulo de análise limitado essencialmente a destacar seu caráter reflexo e funcional para o capitalismo periférico. Dessa forma o significado da informalidade ainda não chegou a um consenso como indica os autores Callebert (2014), Santiago e Vasconcelos (2017) e Felder e Patroni (2018).

Para a OIT (2006), os trabalhadores e as unidades econômicas da economia informal podem constituir um bom potencial empresarial, pois muitos que trabalham na economia informal têm destreza nos negócios, espírito criativo, dinamismo e capacidade de inovação. Esses trabalhadores mostram suas capacidades, as quais podem ser

evidenciadas por meio de competências necessárias para a criação e manutenção dos empreendimentos inseridos na economia informal.

Também é possível observar que o setor informal está ligado ao trabalho por conta própria, porém nem sempre o trabalhador por conta própria é informal. Como dito anteriormente se esse trabalho estiver dentro de arranjos formais, pode ser considerado um trabalho formal. Um aspecto que colabora com esse entendimento é que, de acordo com Vasconcelos e Santiago (2017, p.229),

após a mobilização de diversos atores e entes governamentais, foi aprovada, em 2008, a Lei Complementar 128, que institui a figura jurídica do Microempreendedor Individual, representado pela “pessoa que trabalha por conta própria (trabalhador informal) e decide legalizar sua situação com o governo, tornando-se um pequeno empresário” (Câmara dos Deputados. Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio, 2010).

Como já mencionado, a informalidade pode ser vista como um setor (CALLEBERT, 2014), assim como ser citada como sinônimo de outras economias, como a popular (FELDER; PATRIONI, 2018). Desta forma, Kraychete (1999) nomeia economia dos setores populares como:

as atividades que, diferentemente da empresa capitalista, possuem uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos (monetários ou não) destinados a prover e repor os meios de vida, e na utilização de recursos humanos próprios, agregando, portanto, unidades de trabalho e não de inversão de capital (p. 13).

O mesmo autor argumenta que, embora a denominação de economia dos setores populares não se confunda ou se reduza ao âmbito do setor informal, a referência ao mesmo justifica-se na medida em que os estudos estão ligados ao setor informal. Portanto, na concepção do Kraychete (1999) e com base nos estudos expostos neste tópico, as atividades do setor informal permitem traçar um perfil, ainda que parcial, dos empreendimentos econômicos populares. Tanto Santiago e Vasconcelos (2017), quanto Moutian e Diaz (2018) entendem os termos “trabalho por conta própria” e “trabalho “autônomo” como sinônimos. Dessa forma usaremos aqui os dois termos para discutirmos um mesmo significado. Para trazer luz a essa discussão foi necessário apresentar a Economia Informal/ Trabalho informal, os significados de trabalhador por conta própria/ autônomo para poder chegar a economia de setores populares, pois muitos trabalhadores que estão nos setores populares têm microempreendimento individual, são autônomos e podem ser informais ou autônomos.

### 2.2.1 Da economia social à economia solidária

De acordo com França Filho (2002) e Caeiro, (2008) os conceitos sobre economia social, terceiro setor e economia solidária, são utilizados de forma confusa e incerta. O termo economia social tem origem europeia no século XVIII, e o seu conceito surge, mais precisamente na Europa continental como alternativa ao conceito de terceiro setor (VIEIRA, PARENTE e BARBOSA, 2017).

Já para Caeiro (2008), a gênese da economia social ocorreu entre os anos 1791 e 1848, no século XIX, período que foi marcado pela Revolução Francesa e inspirado pelos ideais da liberdade, da fraternidade e da igualdade, tendo como resultado o início do movimento associativo ligado ao proletariado e às organizações obreiras.

Corroborando com Caeiro (2008), Simon e Boeira (2017) explicam que a economia social e economia solidária são termos europeus e têm origem nos movimentos associativistas operários de resistência popular do início do século XIX, por meio da Revolução industrial. Esses movimentos se apoiam na ideia de ajuda mútua, cooperação, associação, solidariedade (GAIGER, 2009; SIMON e BOEIRA, 2017).

De acordo com Vieira, Parente e Barbosa (2017), assim como a Economia Social, a Economia Solidária também tem sua origem comum no movimento associativista operário europeu. Para os mesmos autores, o termo economia solidária tornou-se mais utilizado em alguns países da América Latina.

Nelms (2015) conceitua a economia solidária como um modelo de organização econômica caracterizada por um conjunto de princípios: a solidariedade, a cooperação, reciprocidade, ajuda mútua, o bem-estar. Antes de abordar a Economia Solidária, Vilchez (2017) apresenta uma evolução nesta economia, que passa primeiro pela Economia Social em que:

O objetivo da Economia Solidária é gerar riqueza, melhorando a qualidade de vida dos membros e das comunidades onde operam, a governança interna deste tipo de modelo é baseado em: (a) voto democráticos de seus membros; (b) acordo para a divisão de tarefas; e (c) a aceitação de sistemas de controle de responsabilidades (p. 255).

Desta forma, a economia solidária nasce na perspectiva de reformular as analogias econômicas da Economia Social por parâmetros diferentes. Vilchez (2017) também apresenta a Economia Solidária por meio da comercialização dos setores público e privado onde busca os objetivos de lucro elevado, em que seus objetivos são baseados na justiça, reciprocidade e apoio mútuo, priorizando as pessoas antes do

capital, utilizando a geração de novos mercados como um instrumento para o bem-estar de todos os cidadãos. “Na América Latina, o conceito de Economia Solidária refere-se essencialmente ao conjunto de iniciativas que, a partir da associação livre e democrática dos trabalhadores, visam ganho econômico e benefícios como qualidade de vida, reconhecimento e participação cidadã” (GAIGER, p. 85, 2009).

Já Singer (2008) define Economia Solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade, igualdade de direitos, posse coletiva dos meios de produção e autogestão. O autor ainda afirma que quando as cooperativas são pequenas não deve haver distinção importante entre as funções, mas caso sejam maiores podem possuir um presidente, um tesoureiro e outras funções especializadas, porque as decisões passam a ser tomadas pelos responsáveis em diferentes setores.

Para Vieira, Parente e Barbosa (2017) no caso europeu, a expressão Economia Solidária complementa a designação da Economia Social, ao reforçar e dar visibilidade a novas formas de se fazer economia, tomando como base os princípios da solidariedade e da reciprocidade. Onde Em países da América Latina, a expressão suplanta ou concorre com a da economia social (PARENTE e QUINTÃO, 2014 apud VIEIRA, PARENTE e BARBOSA, 2017).

Em conformidade com o ponto de vista de Vilchez, a economia solidária se baseia idealmente nos princípios autogestão, democracia, participação, igualitarismo, cooperação, autossustentação do desenvolvimento humano e responsabilidade social (SILVA; ZANINI, 2014). Para Silva e Zanini (2014), a solidariedade, autogestão e autonomia sobre valores mercantis, combinada com a eficiência econômica, coloca as experiências de economia solidária na condição de coexistir com o mercado capitalista ao mesmo tempo em que o questiona.

Ao falar de Economia Solidária, Gaiger (2009) trabalha com a perspectiva de países ao Norte e ao Sul, e suas principais expressões atuais, do plano empírico, se concentram no Sul a partir de atenção dedicada à América Latina, evidenciando o caso brasileiro, extrapolações estimadas válidas para o continente. Para o contexto europeu, o caso da França é a principal referência implícita no Norte.

Enquanto para Vieira, Parente e Barbosa (2017) o conceito de economia solidária afirma-se pela integração de iniciativas de porte individual, familiar e/ou comunitário orientados para a criação de rendimento econômico, ausente de apropriação de forma privada e lucrativa, Gaiger (2009) esclarece que no limiar do século XX, a Economia Social começou a apresentar sinais de debilitamento e que durante os anos

1970 deu espaço para a menção a uma *nova economia social*, “conforme o termo empregado no Canadá: iniciativas locais no campo dos serviços sociais e de assistência a pessoas necessitadas, novas cooperativas, empresas de inserção, finanças solidárias, comércio justo, empresas em processo falimentar transferidas às mãos dos trabalhadores, etc.”(p. 83).

Silva e Zanini (2014) questionam se de fato, há uma real autonomia em relação ao capitalismo de mercado e por quais caminhos, pois nas condições atuais a Economia Solidária ainda se encontra apenas como uma forma de minimizar o problema social do desemprego. O autor ainda cita que a renda mensal que os associados desta modalidade de economia recebem ainda é muito baixa, assim não garantindo qualidade de vida satisfatória. Gaiger (2009) entende a Economia Popular como um terreno primordial à construção, árdua e sujeita a reveses, da Economia Solidária. Dessa forma, na Economia Solidária apenas incorporados “os empreendimentos geradores de trabalho e rendimento ou aqueles ligados diretamente a esses, como as cooperativas de consumo e as de crédito solidário, ou, ainda, os clubes de troca” (VIEIRA, PARENTE e BARBOSA, 2017, p. 110).

### 2.2.2 Economia Popular

Para Laville (2009) a Economia Popular nasceu na América Latina por meio de uma aquisições realizadas em nome da autogestão, pois esta temática já tinha sido abandonada no debate europeu, desta forma inscreveu-se numa dinâmica de reatualização da economia popular mais ampla.

De acordo com Müller e Colloredo-Mansfeld (2018), na América Latina, o termo “economia popular” foi cunhado pelos estudiosos peruanos Jose Matos Março (1984) e Aníbal Quijano (1998). Os autores Gago, Cielo e Gachet (2018) descrevem que a noção de Economia Popular surgiu como uma aposta teórica e analítica na atual política da América Latina, por meio das diferenças de lugares e regiões procurando explicar algumas práticas de economias de setores populares. Laville (2009), ainda acrescenta que a diversidade das interpretações a respeito da Economia Popular prova que a economia popular deixou de ser entendida como um fenômeno arcaico ou transitório.

Coraggio (1999) entende a economia popular como uma economia que emerge de comportamentos reativos da população trabalhadora em luta por reproduzir a sua vida, onde a unidade de análise econômica que se deve tomar é a unidade doméstica. O

autor deixa claro que nesta unidade de análise não estão os indivíduos que trabalham por conta própria, nem, tão pouco, a da microempresa. Assim, a unidade doméstica pode ser constituída tanto por uma unidade familiar, com membros da mesma família, quanto por indivíduos que tenham o mesmo interesse em comum.

Gago, Cielo e Gachet (2018), apresentam uma preocupação a forma como os conceitos são abordados na Economia Popular, pois há alguns conceitos e pressupostos que ainda vinculam a informalidade à ilegalidade, assim como também é possível encontrar interpretação incorreta das chamadas economias de subsistência ao torna-las sinônimo de pobreza (GAGO, CIELO e GACHET, 2018). Laville (2009, p. 18) afirma que a “economia popular é atravessada por uma tensão entre eficiência técnica e dinâmica solidária, entre educação dos participantes, dos quais muitos são analfabetos, e respeito aos valores iniciais que explicam o empenhamento destes.

Ainda é possível notar que nas abordagens das economias alternativas, a Economia Popular cruza fronteiras como a da “formalidade e informalidade”, e a da “subsistência e acumulação”, sendo uma economia com definição conflitante, ligado a um debate que é epistemológico, conceitual e político (GAGO; CIELO; GACHET, 2018).

Vilchez (2017) encara a propriedade dos meios de trabalho feitos pela comunidade como um dos princípios básicos de Economia Popular. A unidade doméstica, como microunidade de organização dos sistemas de reprodução, é a célula da economia popular, da mesma forma que as empresas, como microunidades de reprodução do capital, são as células da economia capitalista (CORAGGIO, 1999). De tal modo, o *fundo de trabalho* passa a ser fundamental para unidades domésticas, sendo este fundo de trabalho correspondente ao conjunto das capacidades dos membros de uma unidade doméstica, para a garantia da obtenção dos produtos que satisfaçam as suas necessidades. O fundo de trabalho pode se dar pelo trabalho assalariado (por meio de empresas capitalistas ou não capitalistas) ou de alguma organização estatal, ONG, organização corporativa etc. Além do trabalho por outras unidades domésticas, a exemplo do serviço doméstico.

Coraggio (1999) cita que outra alternativa para a realização do fundo de trabalho é a partir de um *trabalho que produza bens ou serviços sob a forma de mercadorias* que são vendidas por um preço determinado, em que a unidade doméstica pode tomar a forma *ad hoc* de um micro empreendimento, que tanto pode ser individual como coletivo (CORAGGIO, 1999). Tanto o trabalho assalariado quanto o trabalho do

produtor independente de mercadorias gera dinheiro. “Desta forma esse dinheiro/receita dos membros da unidade doméstica é utilizado para comprar os meios de vida ou os meios de produção que são requeridos na produção/reprodução da unidade doméstica” (CORAGGIO, 1999, p. 58).

Outra forma de utilizar este fundo é no trabalho para o autoconsumo, direcionado para a produção de bens e serviços que são consumidos pela mesma unidade, como os trabalhos domésticos, em que Coraggio (1999) aborda como trabalhos de reprodução propriamente dito. Sua forma mais ampliada pode ser vista pelo *trabalho solidário para produzir bens ou serviços de consumo coletivo*. Há também transferências com as organizações da sociedade civil e as do setor público, sob a forma de programas sociais.

Ao falar da valorização de capacidade e competências do fundo de trabalho, Coraggio (1999) menciona que parte muito importante das capacidades acumuladas no fundo de trabalho das unidades domésticas foi desvalorizada pela revolução tecnológica, assim tornando difícil e, em alguns casos, não havendo de forma alguma um comprador que pague um preço suficiente no mercado. Desta forma, Coraggio destaca a existência de elementos materiais e elementos subjetivos, condicionando as possibilidades com que conta uma unidade doméstica para resolver suas necessidades na crise de reprodução.

Dentro desta unidade doméstica, ao longo do tempo são desenvolvidas as capacidades (competências) e oportunidades sociais dos envolvidos, trazendo um significado para a reprodução ampliada, observando-se melhoria estrutural na qualidade de vida dessas pessoas (CORAGGIO, 1999). Mas não são todas as unidades domésticas que fazem parte dos setores populares, dessa forma as unidades não inclusas são:

As unidades domésticas que chamadas de 'rentistas', isto é, aquelas que vivem de renda, ou aquelas que, para a sua reprodução, não dependem da realização contínua do seu trabalho nem das pensões derivadas do trabalho já realizado no passado. São unidades domésticas que vivem de uma parte das receitas provindas de capitais financeiros ou propriedades que lhes permitem receber dividendos ou rendas, urbanas ou rurais, ou que são sócios, acionistas ou donos de empresas capitalistas e participam de seus lucros (CORAGGIO, 1999, p. 63).

Dentro do conjunto de atividades econômicas populares é necessário o desenvolvimento de atividades coletivas de reprodução, em que a divisão de trabalho pode estar inserida no mercado com trabalho assalariado e bens ou serviços. Também é necessário o intercâmbio, de cooperação ou de concorrência cooperativa de difusão de

modalidades de consumo para outra qualidade de vida etc. (CORAGGIO, 1999). O autor ainda argumenta que para ocorrer o desenvolvimento de competências para competir com empresas capitalistas é preciso mecanismos de difusão de informação e de conhecimento de alto dinamismo. Tendo o dinamismo, o cooperativismo um campo para uma proposta de desenvolvimento da economia popular por meio da democratização.

Coraggio (1999) defende que o trabalho assalariado está fora da economia popular sob a direção de capitalistas, contudo está dentro quando é produzido e reproduzido pela economia dos setores populares. Ao contrário de Coraggio, Singer (1999) traz divergências teóricas, argumentando que a definição da economia popular, economia popular e solidária, socioeconomia solidária não traz um conceito e sim uma negação, na qual fica subentendido que tudo que não for economia capitalista seria, portanto, a economia dos setores populares. Desta forma, Singer questiona o quanto “é complicado tentar entender algo meramente pelo fato de não ser uma outra coisa” (1999, p. 83).

Desta forma Singer chama a “unidade doméstica” de Coraggio (1999), de Classes trabalhadoras (plural), que por sua definição, são as classes que sobrevivem na economia capitalista exclusivamente do seu próprio trabalho, ou seja, não têm capital. Mesmo contrariando o ponto de vista de Coraggio (1999) sobre a economia do trabalho, Singer dá atenção ao termo “classes trabalhadoras”, porque para além da venda da força do trabalho a empresas capitalistas, também existe a classe trabalhadora que não explora o trabalho dos outros, já que os mesmos têm meios de produção próprios, diferentemente dos trabalhadores assalariados, que são integrantes da economia capitalista.

A unidade doméstica, pela perspectiva de Singer (1999), não pode ser descrita como economia, pois é uma unidade de consumo que pode também ser de produção, mas que ao vender sua força de trabalho não está produzindo coisa alguma. Outro ponto de divergência nos estudos de Singer e Coraggio, é que para o primeiro quando se exclui capitalistas e rentistas da economia do trabalho (unidade doméstica) evidencia-se uma contradição. Desta forma, as unidades rentistas não podem ser entendidas como um único grupo, uma vez que existem os rentistas aposentados (que ganham salários) e os rentistas de elite que são herdeiros e vivem de rendas. Logo, a unidade rentista tem uma parcela que não está dentro dos setores populares.

Singer (1999) ainda afirma que todos dentro da economia capitalista fazem parte das unidades domésticas de assalariados e que para a criação de uma economia alternativa ao capitalismo não deve haver recortes pelas unidades domésticas. Para a economia alternativa ao capitalismo, o autor expõe que ela se caracteriza basicamente por princípios socialistas ou cooperativistas; que é exatamente a mesma coisa, na visão do autor. Desta forma, nesta empresa todos têm direitos e deveres iguais, com participação igual nos excedentes, tornando-se democrática, em que todos os trabalhadores podem tomar decisões.

O que Coraggio (1999) denomina como economia do trabalho, ou economia popular, Singer chama de Economia Autogestionária (com base na economia solidária), em que os princípios são igualdade e democracia; igualdade econômica relativa e democracia de decisão absoluta. Porém, Singer aborda a dificuldade de se manter este tipo de economia apoiada na democracia, no cooperativismo e nas formas igualitárias, pois há uma propensão à degeneração, em que se percebe a necessidade de periodicamente ter atenção e procurar meios de luta para que a economia solidária não se enfraqueça.

Vilchez (2017) corrobora o pensamento de Coraggio (1999) de que este modelo de economia envolve atividades desenvolvidas pelos setores sociais específicos que usam a sua própria força de trabalho e recursos, a fim de satisfazer as suas próprias necessidades básicas. Vilchez, também afirma que a Economia Popular visa diminuir o desemprego ocasionado por consequência do capitalismo, dando melhores condições de vida aos cidadãos.

Nem todos os trabalhadores informais fazem parte da economia popular, alguns estão dentro de subcontratações e trabalhos não registrados no capitalismo e outros são trabalhadores independentes (FELDER; PATRONI, 2018). Desta forma, as questões críticas das discussões em debates sobre a Economia Popular vão desde a organização sindical até ao bem-estar e sua relação com os chamados “governos progressistas” (GAGO; CIELO; GACHET, 2018).

Para Gaiger (2009), os termos informal, popular e solidário não são incompatíveis, mas tampouco indiferentes. O autor relata que no contexto de ampla informalidade das economias latino-americanas, várias iniciativas de Economia Solidária prosperam sem deixarem de ser informais. Logo, essas iniciativas de Economia Solidária adotam a perspectiva de superar a instabilidade e a incerteza que afetam a vida material dos pobres.

### 2.2.3 Economia Popular Solidária

Para Nelms (2015), foram dados muitos nomes a “outra economia” criando um inventário heterogêneo de atores e instituições. Desta forma, essa outra economia não só foi chamada de economia popular e solidária ou sociais e/ ou de economia solidária, mas também a economia humana, a economia do trabalho, da economia informal, economias comunitárias, as economias éticas, economias plural, o terceiro setor, e assim por diante, logo:

Nos setores populares urbanos, os associados, em geral oriundos do mundo informal caracterizado pelo trabalho por conta própria, restringiram as suas atuações apenas a uma alternativa de geração de trabalho e renda para sobrevivência familiar ou comunitária” (FERRAZ; DIAS, 2008, p. 109).

Para Vilchez (2017), Economia Popular Solidária tem perspectiva econômica em que todos os membros de empresas são igualmente acionistas e investidores e a democracia praticada nessas empresas permite que os indivíduos desenvolvam altos níveis de autoestima e promove uma sensação de pertencer ao grupo. Assim, Economia Popular Solidária é caracterizada pelo fato de todos os membros da empresa serem tratados como iguais, e o ambiente nessa economia é de democratização e todos seus membros têm direito a voto. Porém, Goerk (2005) alerta que na Economia Popular Solidária, encontra-se aspectos de solidariedade em empreendimentos organizados pela Economia Popular, mas que nem toda Economia Popular é de solidariedade.

De acordo com Cavedon e Ferraz (2006; 2008), iniciativas populares de geração de emprego e renda passaram a ser conhecidas como Economia Popular Solidária (EPS) e têm se apresentado como uma forma alternativa ao modelo de economia vigente. Os autores ainda mencionam que essa economia pode ser entendida como alternativa desenvolvida pela sociedade civil, que tem como núcleo a solidariedade, além da ocorrência da autogestão, com igualdade entre todos. Para Ferraz e Dias (2008) o surgimento de associações econômicas de Economia Popular Solidária representa uma resposta às crises do sistema econômico atual, face ao desemprego e a exclusão social.

Os principais tipos de empreendimentos coletivos da Economia Popular Solidária são as cooperativas e as associações de trabalho, produção e de serviço, que geram trabalho e renda e elas trazem consigo os princípios de cooperação, democracia e autogestão (Goerk, 2005).

Vilchez (2017) destaca que a Economia Popular Solidária pode ser facilmente confundida com o Socialismo, mas se difere pelo fato de o socialismo ser uma

perspectiva política e não um modelo econômico realista. Porém, a Economia Popular Solidária não se concentra apenas nos aspectos econômicos, nesta economia, na visão de Vilchez, é possível notar a promoção do desenvolvimento social, político e cultural e a procura por um equilíbrio da distribuição da riqueza que contribui para justiça social.

A Economia Popular Solidária é uma alternativa às questões negativas do neoliberalismo, por meio da transformação da realidade, da cooperação, solidariedade e igualdade, sendo uma economia democrática. É, também, uma economia gerada dentro do discurso capitalista, porém, sem as práticas desumanas do capitalismo, promovendo a democratização e ampliando o acesso ao capital financeiro e social para maiores segmentos da população (VILCHEZ, 2017).

A economia solidária tem se apresentado como uma nova estratégia de se constituir alternativa de luta contra o desemprego, por meio de empreendimentos autogestionários de forma coletiva e participativa nos setores populares (SILVA; ZANINI, 2014).

Ferraz e Dias (2008) apontam uma preocupação também identificada por Singer (1999) quanto às economias dos setores populares, para Ferraz e Silva a Economia Popular Solidária apresenta algumas problemáticas na sua origem. Esses problemas são derivados de matrizes teórico/conceituais diversificadas de acordo com o lugar de atuação e os movimentos sociais aos quais os empreendimentos deste tipo de economia estão ligados (FERRAZ e DIAS, 2008).

Singer (1999) afirma que as empresas autogestionárias estão sendo formadas no mundo todo a 200 anos pela classe trabalhadora. Em meio a divergências conceituais sobre a economia popular/ economia autogestionárias, Singer apresenta uma convergência com Coraggio em relação à economia solidária quando afirma que ela não tem que ser uma economia de pobre e recomenda buscar a cooperação produtiva, pois, afirma que ela dá certo, mas adverte que ela tende a degenerar.

Para Singer a economia individual, os pequenos produtores, os microprodutores ou autônomos, têm formas novas de se organizar que também são solidárias. O autor afirma que dentro de uma economia dominada por cooperativas também tem espaço para a economia capitalista e que se deve ter liberdade para quem quiser criar empresa capitalista e outro quiser ser assalariado. Na autogestão, “os indivíduos são autônomos (são livres para agir, criar e se expressar); entretanto, suas atitudes são balizadas pela noção de solidariedade, a fim de manter a coesão social do grupo” (CAVEDON; FERRAZ, 2006, p. 94).

A reprodução da vida de parcelas crescentes da população passou a depender, em maior escala de atividades assentadas no trabalho realizado de forma individual, familiar ou associativa, muitas vezes apoiada no setor informal (KRAYCHETE, 1999). Logo, evidencia-se, de maneira implícita, um conjunto de características voltadas a competências encontradas na economia informal, por meio de uma constatação da OIT (2006), em que muitos dos trabalhadores da economia informal “têm um sentido apurado do negócio, espírito criativo, dinamismo e capacidade de inovação, potencial que pode prosperar se conseguir eliminar determinados obstáculos”.

Desta forma, é necessária uma contextualização sobre as competências, buscando atingir o objetivo deste trabalho, de “identificar o perfil de competências empreendedoras de comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da economia popular”.

### **2.3 CONTEXTUALIZANDO COMPETÊNCIAS**

Antes mesmo da temática gestão por competências surgir, o termo competência, de acordo com Lima e Cavalcante (2015), era aplicado à linguagem jurídica no final da idade média. A competência, conforme as décadas foram passando, foi do meio jurídico, passando pela área da educação ao campo das relações trabalhistas (FLEURY; FLEURY, 2001) e pela gestão de pessoas. Logo, foi observado que, durante a década de 1970, a competência estava ligada a noção de “qualificação” e, só a partir dos anos de 1980 que o termo competência ganhou importância, como abordam Zarifian e Le Boterf (2001; 2003), contudo o termo ainda se mostrava confuso e até então era empregado na iniciativa privada.

Durante a década de 1970 na França, quando se começou o debate a respeito das competências, se discutia o conceito de qualificação e do processo de formação profissional, principalmente técnica (FLEURY; FLEURY, 2001).

Lamonato e Presser, entendem que “ser competente requer a capacidade de alcançar resultados, transformando conhecimentos em habilidades, por meio de atitudes e comportamentos adequados” (2015, p. 4). Enquanto Zarifian (2001), expõe como proposta de definição para o termo competência, indica “o tomar iniciativa” e “o assumir responsabilidade” do indivíduo diante de situações profissionais com as quais se depara. Logo, Le Boterf (2003) e Picchiali (2010) classificam a competência como uma disposição para agir de modo pertinente em relação a uma situação específica. Dessa forma fica perceptível que para os dois autores a competência necessita de um

contexto, uma situação que provoque o seu surgimento. Em complemento Le Boterf (2003) define a competência como sendo a capacidade de integrar saberes diversos e heterogêneos para finalizá-los na realização de atividades, sendo uma disposição, e não um gesto elementar. De acordo com o pensamento de Le Boterf (2003), Mello, Fonseca e Paiva Junior (2007), a competência pode ser entendida como uma característica que engloba diferentes traços de personalidade, habilidades e conhecimentos.

Sobre a noção de competência no cenário internacional, Shimizu e Fragelli (2016) trazem a abordagem australiana, mais holística, que combina atributos do profissional com o contexto em que tais atributos podem ser aplicados, sendo considerada mais integrada, combinando teoria e prática, corroborando os estudos de Le Boterf e Picchiali (2003; 2010).

O pensamento situacional e de pouca previsibilidade, sobre as competências, também é apoiado por Ruas (2008), que afirma que essa noção se deu durante os anos 1990, enquanto que Fleury e Fleury (2001) falam que no caso brasileiro, o debate emerge na discussão acadêmica fundamentada inicialmente na literatura americana, pensando-se competência como input, algo que o indivíduo tem, dessa maneira os autores definem competência como “um saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos e habilidades, que agreguem valor econômico à organização e valor social ao indivíduo”.

As competências, também, podem ser baseadas no acúmulo de experiências, ações em um determinado contexto, desta forma as competências e a aprendizagem estão relacionadas (ZAMPIER; TAKASHI, 2011). Nascimento e Oliveira (2010) abordam em seu estudo a importância não só do conhecimento já existente, mas também da importância do desenvolvimento que pode ser adquirido. Embora não seja exposto durante o estudo de Nascimento e Oliveira (2010), é perceptível que há uma conexão entre o campo da aprendizagem e das competências, igualmente a conexão abordada por Zampier e Takashi (2013).

As competências estão divididas em três níveis, que são o individual, o coletivo e o organizacional, conforme categorizados por Lima e Cavalcante (2015), em que o nível individual tem um conjunto de competências do indivíduo em particular, o nível coletivo engloba as competências funcionais, do grupo ou equipes que formam a organização e por fim o nível organizacional, que envolve as competências da organização como um todo.

Embora o conceito de competência não seja recente, Murari e Helal (2010) apresentam as correntes de pensamento a respeito do tema. Para os autores, são as correntes comportamentalista, a corrente funcionalista e a corrente construtivista, cujas características podem ser observadas no quadro 2:

Quadro 2: Correntes do conceito Competência

<b>CORRENTE COMPORTAMENTALISTA</b> (condutivista/behaviorista)	<b>CORRENTE FUNCIONALISTA</b>	<b>CORRENTE CONSTRUTIVISTA</b>
<b>Origem americana</b>	<b>Origem inglesa</b>	<b>Origem francesa</b>
Enfatiza a definição de atributos que permitam ao indivíduo alcançar desempenho superior	Enfatiza a construção de perfis ocupacionais como base para a definição de programas de formação, avaliação e certificação de competências	Enfatiza o processo de aprendizagem (cognitiva) como mecanismo para o desenvolvimento de competências profissionais (STEFFEN, 1999).

Fonte: Adaptado de Murari e Helal (2010).

Desta forma a corrente construtivista, de origem francesa, citada por Murari e Helal (2010) se aproxima mais dessa pesquisa, já que aborda as competências profissionais.

Sendo assim, abordaremos na próxima sessão as competências profissionais, laborais e empreendedoras, a fim de dar suporte as características apresentadas pelos indivíduos que trabalham nas economias dos setores populares pautados pelo conceito do processo de gestão de competências que é aqui entendido como:

“o conjunto de todos os esforços individuais, sociais, coletivos e organizacionais no sentido da formação e do desenvolvimento de competências e meta-competências, fundamentados na reflexão do sujeito na e sobre sua própria ação, propiciando resultados em termos macro, micro e parciais, observáveis pelo indivíduo e por terceiros” (Paiva, 2012).

## 2.4 COMPETÊNCIAS LABORAIS E EMPREENDEDORAS

Lamonato e Presser (2015) apresentam que o termo competências profissionais pode ser utilizado para se referir às necessidades de um cargo, ou às competências apresentadas pelo indivíduo em um processo avaliativo. Porém, os autores advertem que ainda apresenta problemas em sua conceituação.

Para Martins et al (2017), o construto competência, no nível individual ou profissional, é antigo e heterogêneo e tem sua origem associada à noção de qualificação.

Os autores, ainda, afirmam que esse construto se baseava nas capacidades relacionadas às predefinições da tarefa e aos processos previstos.

Já Paiva e Nicollai (2012) veem a qualificação como significado de um saber acumulado, sendo expressa por um conjunto de tarefas a serem executadas quando o trabalhador ocupa determinado posto de trabalho, onde a formação para o trabalho passa a significar formação profissional. Entretanto, as autoras deixam claro que não existe competência no vácuo ou em isolamento, pois a competência se realiza na ação e não preexiste a esta.

Em estudo realizado na área de turismo, Paiva e Nicollai (2012), discorrem sobre as competências profissionais de alunos em cursos de turismo. Porém, nesse estudo percebe-se a presença de uma explicação sobre o que seriam competências e competências profissionais por meio das diretrizes curriculares nacionais, sem a apresentação clara de uma conceituação geral dos termos.

Para Cançado (2017), a mobilização da competência do profissional vem de sua história de vida, de sua formação profissional e do cenário profissional no qual está inserido. O autor, também, indica que é preciso aperfeiçoamento dos conhecimentos, capacidades cognitivas, capacidades racionais, etc.

Assim, cada experiência tem suas particularidades, não se repetindo da mesma maneira; contudo, pode ser uma fonte de ensinamento se for formalizada (PAIVA; NICOLLAI, 2012), assim as particularidades, por meio de novos acontecimentos e/ou imprevistos dão oportunidade para o desenvolvimento das competências profissionais.

Para Barros e Paiva (2013), seguindo a lógica da qualificação, no exercício da atividade profissional, a depender do contexto, as competências exigidas podem ser diferentes. Por meio de um entendimento distinto, Barros e Paiva (2013) sugerem um modelo de competências profissionais que adota desde as motivações e o tipo de personalidade do sujeito até a reflexão realizada por ele a partir das ações que pautam os resultados que ele entrega.

Le Boterf (2003) observa que é o caráter de transferibilidade ou de transponibilidade não deve ser buscado nas competências ou nas capacidades e sim na competência do profissional, pois, para o autor, essa faculdade para transpor permite ao profissional reconhecer isomorfismos nas estruturas dos problemas a tratar ou das situações sobre as quais deve intervir.

Ao passo que Bunk (1994) alega que para ter competência profissional é necessário exercer uma profissão e poder resolver problemas profissionais de forma

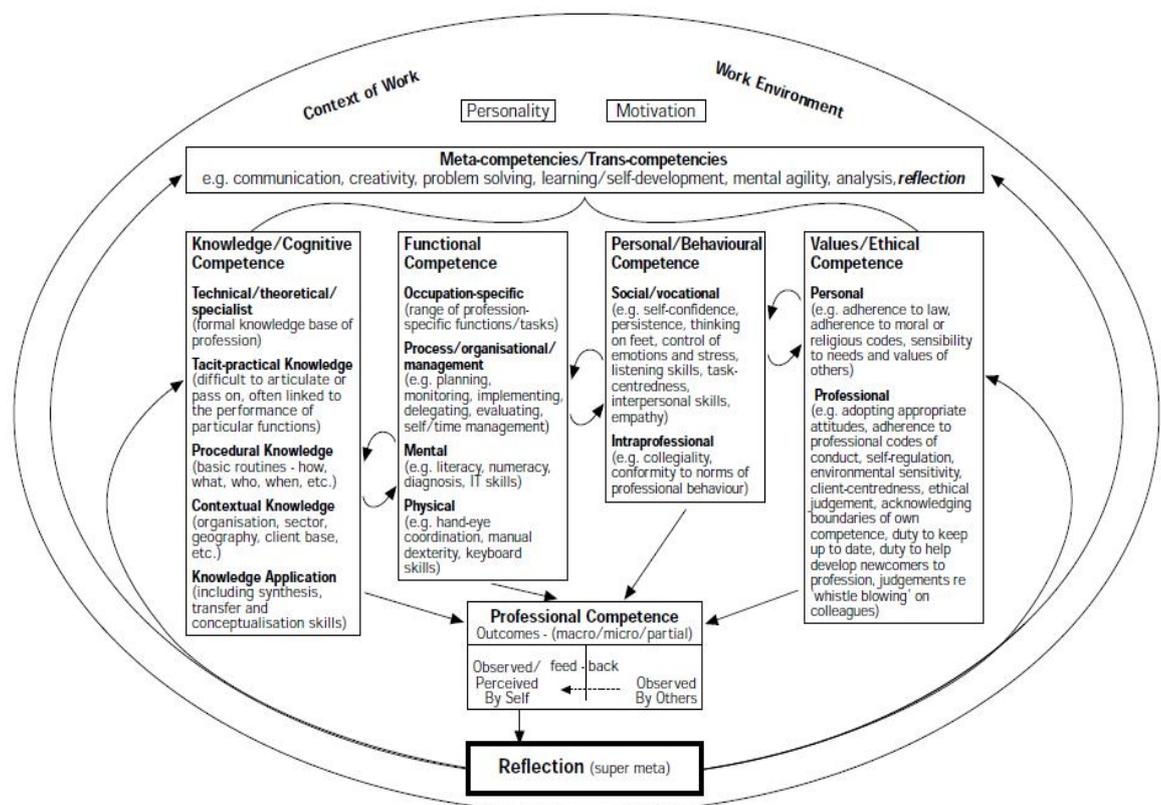
autônoma e flexível. Portanto, colaborando com o ambiente profissional e estruturando um conjunto de requisitos pessoais em relação às qualificações profissionais com base nos grupos de qualificações técnicas, metodológicas, social, pessoal e participativo.

Barros, Melo e Agostini (2014) adotam o conceito de competência profissional, apoiado em Cheetham e Chivers; Paiva e Melo(1998; 2008), assim conceituando-as como:

Mobilização de forma particular pelo profissional na sua ação produtiva de um conjunto de saberes de naturezas diferenciadas (formados por componentes cognitivos, funcionais, comportamentais, éticos e políticos) que gera “resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (sociedade)”.

Cheetham e Chivers (1996) trazem um modelo holístico de competência profissional, em que este tipo de competência está ligado a metacompetências (comunicação, autodesenvolvimento, criatividade, análise, resolução de problemas), que são genéricas e abrangentes em todas as ocupações e podem auxiliar no desenvolvimento de outras competências capazes de aumentar ou mediar competência nas categorias de componentes. Esses componentes (figura 1) são compostos por competência cognitiva, competência funcional, competência pessoal e comportamental, competência ética e de valores.

Figura 2: Modelo de competência profissional de Cheetham e Chivers.



Fonte: Cheetham e Chivers (1996, 1998).

As competências profissionais, observadas na figura 1, são constituídas por um modelo de quatro componentes principais (núcleo), que fazem parte das metacompetências. Esses componentes núcleo são conhecimento/ competência cognitiva; competência funcional; competência pessoal ou comportamental; valores/ competência ética (CHEETHAM; CHIVERS, 1996; 1998). Cada componente núcleo é formado por constituintes e a reflexão dos resultados nas competências profissionais ocorre por meio dos níveis macro, micro e parcial, onde a sua percepção é gerada individualmente ou por terceiros.

Entretanto, Cheetham e Chivers (2000) argumentam que há sugestões, em seus estudos, que a reflexão contribui significativamente menos para a aquisição inicial de competência profissional do que faz para o desempenho contínuo de profissionais mais experientes. Diante disso é necessário se ter cautela quanto ao excesso de dependência da reflexão no desenvolvimento profissional, pois o contexto em que o indivíduo está inserido no trabalho, o ambiente de trabalho e suas condições têm importância na composição da competência profissional.

Ampliando o conceito de Competência proposto pelos autores Cheetham e Chivers, Paiva (2007) introduziu a “competência política” que observa as relações de poder presentes na estrutura organizacional, que interferem na atuação do profissional (PAIVA e NICOLAI, 2012, p. 8).

Figura 3: Modelo de Competências Profissionais de Paiva



Fonte: Paiva (2007 e 2012).

Logo, o conceito de competência profissional de Paiva (2007) é a:

“mobilização de forma particular pelo profissional na sua ação produtiva de um conjunto de saberes de naturezas diferenciadas (formados por componentes cognitivos, funcionais, comportamentais, éticos e políticos) de maneira a gerar resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (comunitário)” (PAIVA, 2012).

Por essa dissertação trazer temas como trabalho autônomo, Economia Popular e Solidária e por muitos dos pesquisados não fazerem parte de organizações formais durante a maior parte do ano, se fez necessário trazer uma nova ampliação do conceito de Competências Profissionais para poder incluir outras formas de sustento, menos estruturadas, voltadas para a informalidade, dessa forma tendo o deslocamento conceitual de “competências profissionais” para “competências laborais”(Paiva, 2012).

Por meio desse deslocamento conceitual será possível analisar competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, independentemente do grau de formalização do trabalho que eles exerçam. Dessa forma, o conceito de Competências Laborais utilizado será:

“mobilização de forma particular pelo trabalhador na sua ação laboral de conjuntos de saberes de naturezas diferenciadas (formados por componentes cognitivos, funcionais, comportamentais, éticos e políticos) que gerou resultados reconhecidos individual (pessoal), coletiva (profissional), econômica (organização) e socialmente (comunitário)” (PAIVA, 2012).

A partir do exposto, o pequeno comerciante ao invés de ser chamado de profissional será chamado de trabalhador, considerando o trabalho realizado e entregue pelo sujeito em qualquer situação laboral, independentemente do nível de profissionalização da sua ocupação e as componentes desse modelo também são ampliadas, como indica o quadro abaixo:

Quadro 3: Componentes do modelo de Competências Laborais de Paiva.

COMPONENTES	DESCRIÇÃO
<b>Cognitiva</b>	Passa a tratar de conhecimentos técnicos, teóricos e tácitos a respeito do trabalho, seu ambiente e seu contexto.
<b>Funcional</b>	Amplia para conhecimentos de especificidades do trabalho e processos relacionados, e mantém capacidades mentais e físicas para realização do trabalho.
<b>Comportamental</b>	Amplia para o domínio de aspectos comportamentais, relacionais e sociais, entre trabalhadores de atividades semelhantes e, também, distintas.
<b>Ética</b>	Passa a dizer respeito à empatia em termos de valores pessoais e relacionados ao trabalho.

<b>Política</b>	Remete para habilidades pessoais e laborais no trato social relativo aos jogos de poder.
-----------------	--

Fonte: Adaptado de Paiva (2012).

Para Zampier e Takashi (2013), os conceitos de competência empreendedora provêm dos conceitos existentes em competência individual, que privilegiam a experiência e a construção dos conhecimentos subjacentes a elas. Os mesmos autores ainda relacionam o processo de aprendizagem empreendedora com a construção da própria competência empreendedora.

Leite e Colares (2016, p.4) afirmam que “ainda há poucas evidências empíricas de aspectos do gerenciamento das competências empreendedoras ou do nível de utilização da visão baseada no conhecimento nas empresas, principalmente em pequenas e médias empresas brasileiras”. De acordo com Lizote e Verdinellas (2014) as competências empreendedoras podem ser entendidas como um construto que engloba diferentes traços de personalidade, habilidades e conhecimentos.

Em estudo sobre possibilidades e desafios do M-learning para o desenvolvimento de competências empreendedoras, Silva e Klein (2016) definiram que, as competências empreendedoras são definidas como características individuais que incluem atitudes e comportamentos, que permitem empreendedores alcançar e manter o sucesso do negócio.

Da mesma forma, quanto a abordagem individual, Man e Lau; Honma e Teixeira (2000; 2011) também acreditam que o enfoque dado às competências pode ser a alternativa para melhor entendimento das características individuais dos empreendedores relacionadas às suas atividades na função e organização.

Já Zampier e Takashi (2011) apresentam alguns conceitos sobre competências empreendedoras, desta forma um dos conceitos definidos diz que a junção de competências com ações empreendedoras levou a criação do conceito de competências empreendedoras. Os mesmos autores também apresentam que o conceito de competências empreendedoras pode estar mais próximo dos conceitos de competências individuais.

Mello, Leão e Paiva Junior (2006), em estudo sobre competências empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de médio e grande porte que atuam em serviços da nova economia, observaram que existem competências associadas a posturas empreendedoras que auxiliam na compreensão de atributos geradores de respostas de valor na interação com grupos internos e externos da organização. Além

disso, com base nos estudos de Man e Lau (2000), as competências serão categorizadas em seis áreas distintas de comportamento.

Essas categorias abordadas por Man e Lau (2000) são competência de oportunidade, competência de relacionamento, competência conceitual, competência de organizar (administrativa), competência estratégica, competência de comprometimento, dessa forma é possível ver no quadro 4, o foco comportamental de cada área de competência.

No mesmo estudo, Man e Lau utilizaram uma abordagem sobre a competência de equilíbrio “trabalho/vida pessoal”, onde tais interesses são complementares, e não concorrentes, em termos de prioridades. Assim, também, notaram durante a pesquisa, que além do conjunto de áreas de competências, ainda se tinham as “competências de apoio” que desempenham papéis de apoio para as áreas existentes das competências ou concentram-se no foco pessoal do empreendedor e nas várias competências individuais e suas influências em eventos comportamentais específicos.

Quadro 4: Áreas das competências e seu foco comportamental – Competências Empreendedoras

<b>ÁREA DE COMPETÊNCIA</b>	<b>FOCO COMPORTAMENTAL</b>
<b>Competência de oportunidade</b>	Competência relacionada ao reconhecimento de oportunidades de mercado através de vários meios.
<b>Competência de relacionamento</b>	Competência relacionada as interações de pessoas para pessoas ou de indivíduos para o grupo.
<b>Competência conceitual</b>	Competência relacionada a diferentes habilidades conceituais que são refletidas no comportamento do empreendedor.
<b>Competência de organizar (administrativa)</b>	Competência relacionada a organização de diferentes atividades internas e recursos externos humanos, físicos, financeiros e tecnológicos.
<b>Competência estratégica</b>	Competência relacionada à definição, avaliação e implementação da estratégia da empresa.
<b>Competência de Comprometimento</b>	Competência que levam o empreendedor a avançar com o negócio.

Fonte: Man e Lau (2000).

É relevante mencionar que nos estudos citados, nesse tópico, os autores de alguma forma relacionam a competência com a aprendizagem. Igualmente ao exposto, Zampier e Takashi (2011) chegam à conclusão que ao explorar a correlação entre competências empreendedoras e aprendizagem empreendedora, apresentou-se consenso na relevância da utilização da abordagem de aprendizagem experiencial, baseada na prática, no contexto e na ação, e de se investigar o conhecimento obtido. Em conformidade com esta linha de pensamento Man e Lau (2000; 2005) afirmam que as competências podem ser melhoradas por meio da educação e formação. Segundo os autores, as competências empreendedoras podem fazer parte dos traços, personalidade,

atitudes, papel social e auto-imagem de um indivíduo, assim como também podem ser adquiridos por meio de experiências, trabalho, observação, treinamento e educação.

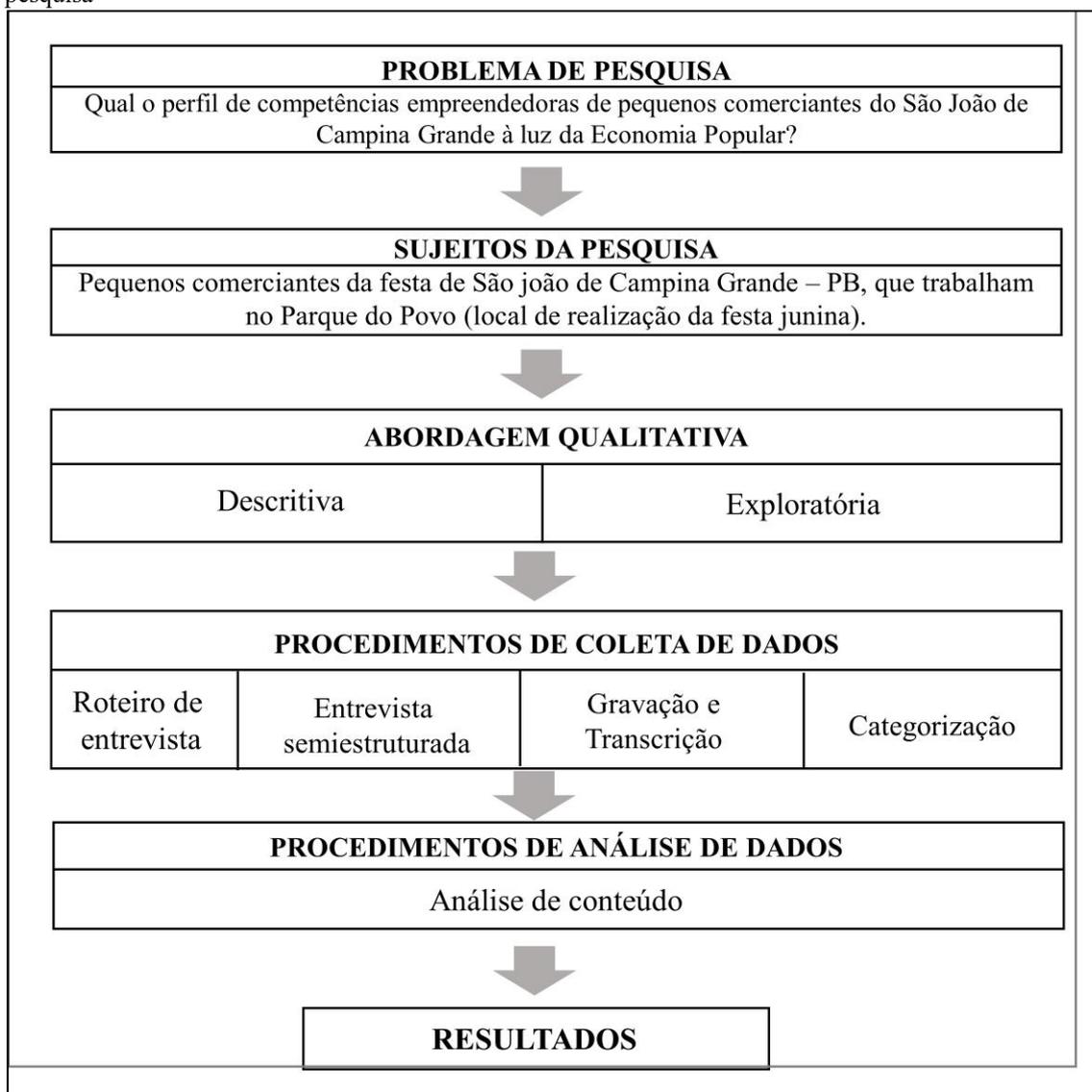
Sendo assim, as competências são desenvolvidas por meio de experiência prática ao longo dos anos e os indivíduos que desenvolvem competências empreendedoras possuem melhores condições para gerirem seus negócios (ZAMPIER e TAKASHI; ZONATTO et al., 2011; 2017).

Por fim, percebe-se que as competências empreendedoras e laborais/profissionais se complementam e podem juntas contribuir para a construção do perfil de competências dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, especialmente levando em consideração que cada área da competência empreendedora pode ser executada junto a uma ou mais de uma componente das competências laborais/profissionais, assim como as competências empreendedoras, também, podem se relacionar com as metacompetências (comunicação, autodesenvolvimento, criatividade, análise e resolução de problemas).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Neste capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa, a fim de alcançar os objetivos deste estudo. O design da pesquisa pode ser visualizado na figura 4:

Figura 4: Design da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.1 Instrumento e Processo de Coleta de Dados

As entrevistas foram realizadas com os pequenos comerciantes do São João de Campina Grande de forma individual, pois como Bauer (2015) afirma, esse tipo de entrevista serve para tratar experiências individuais, de sensibilidade particular. Esta forma de entrevista serviu ainda para identificar os diferentes tipos de pequenos empreendimentos na festa do Saão João de Campina Grande.

A pesquisa ocorreu mediante aplicação de roteiro semiestruturado de entrevista, o roteiro (APÊNDICE B) continha vinte e três questões, divididas entre os três objetivos específicos da pesquisa de forma que pudesse ajudar com a identificação do perfil de

competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande à luz da Economia Popular.

Quadro 5: Objetivos e questões da entrevistas

OBJETIVOS	QUESTÕES PARA ENTREVISTA
<p><b>Caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande</b></p>	1 – Quais atividades você desenvolve dentro do ambiente de trabalho?
	2 – A quantos anos você trabalha no São João de Campina Grande?
	3 – Como você caracteriza o seu trabalho? Informal, formalizado, assalariado, contrato, trabalho por conta própria, autônomo, ou outros? Por favor, explique.
	4 – Como se dá a gestão do seu empreendimento no São João de Campina Grande? Por favor, explique.
	5 – Você acredita que sua experiência prática é suficiente para o bom funcionamento de seu empreendimento? Explique.
	6 – Qual seu nível de escolaridade?
	7 – Você sente a necessidade de um grau de escolaridade maior? Por favor, explique.
<p><b>Identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande</b></p>	8 – Explique como começou a trabalhar no Parque do Povo durante a festa junina?
	9 – Você trabalha sozinho no local de realização da festa junina de Campina Grande ou trabalha com familiares, funcionários, amigos, sócios ou alguma cooperativa, associação? Por favor, explique.
	10 – Você recebe ajuda de familiares, amigos ou outros para a preparação das mercadorias que comercializa? Explique.
	11 – Como é composta a renda da sua família? Quantas pessoas trabalham? Algum de seus familiares trabalha com você? Explique.
	12 – Você desenvolve atividades em parceria com outras pessoas no seu ambiente de trabalho? Por favor, explique.
	13 - Como você adquiriu os conhecimentos para a realização do seu trabalho? Muda algo por a atividade ser realizada durante a festa de São João em Campina Grande?
	14 - Quais os conhecimentos necessários para realização do seu trabalho? Há algum conhecimento específico para execução das atividades desempenhadas na festa de São João em Campina Grande?
	15 - Como você se relaciona com os outros trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João em Campina Grande?
	16 - Como você compreende a ética e os valores pessoais e os valores relacionados ao trabalho, dentro da atividade que você exerce na festa de São João em Campina Grande?
	17 - Como Você interage socialmente em relação a dificuldades e circunstâncias diferentes no seu trabalho na festa de São João em Campina Grande?

<b>Verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular</b>	18 – Há algum tipo de seleção ou cadastro para poder trabalhar no São João em Campina Grande, dentro do Parque do Povo? Explique como foi esse processo para você.
	19 – Você faz parte de alguma associação, cooperativa ou algum outro grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande? Se sim, por favor, explique como funciona e como você começou a fazer parte e a suas experiências junto a esse grupo.
	20 – Caso você participe de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique como funciona a gestão desse grupo. Há alguma hierarquia, como, por exemplo, um chefe, um líder ou presidente? Ou todos dentro desse grupo têm as mesmas responsabilidades e direitos? Explique.
	21 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se há algum sistema de solidariedade, de ajuda mútua, cooperação entre os membros desse grupo.
	22 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se nesse grupo há algum manual com regras, diretrizes, objetivos, metas, missão. Se sim, como funciona?
	23 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se ocupa nesse grupo algum cargo? Qual a sua função? O que o motiva para o fazer? Quanto tempo dedica a esta função no total da sua atividade.

Fonte: Elaborado pela autora.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 29 de maio de 2019 a 07 de junho de 2019. Foram vinte e nove entrevistas, das quais, vinte e seis foram aproveitadas e três entrevistas foram descartadas. Em uma das entrevistas, a pessoa entrevistada pediu que a entrevista parasse, pois não tinha mais interesse em responder as questões. Outra não pôde ser utilizada porque a pessoa que estava sendo entrevistada revelou que não era cadastrada na festa e que tinha alugado o ponto que trabalhava a uma outra pessoa que era cadastrada, dessa forma essa entrevista foi descartada, já que um dos critérios para realizar as entrevistas era que o pequeno comerciante deveria ser cadastrado na festa. A terceira entrevista descartada em razão de solicitação da pessoa entrevistada, já que ela não poderia assinar o termo de consentimento livre e esclarecido, pois a mesma, não sabia ler e escrever.

Dos vinte e seis entrevistados, a maior parte (dez) foi composta por trabalhadores ambulantes, nove eram trabalhadores de quiosques e sete eram trabalhadores de barracas. Esses últimos trabalhadores (barracas), foram divididos entre dois grupos: trabalhadores de barracas com as dimensões 3x3 e trabalhadores de

barracas com dimensões 3x4 a fim de se verificar nas análises dos dados se havia alguma diferença entre as percepções desses trabalhadores em razão do tipo/estilo de negócio que possuem.

### 3.2 Procedimentos de Análise dos Dados

As entrevistas foram individuais e gravadas usando recurso de áudio, em local e horário de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Foram registradas a data e horário de cada entrevista e as transcrições foram realizadas de maneira literal, sem retirar nenhum fragmento de fala, onde os dados foram categorizados e analisados com base na análise de conteúdo de Bardin (2007), com a pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação.

A partir disso, foi possível elaborar três categorias com base nos objetivos específicos da pesquisa: a) Caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; b) Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande; c) Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande. As subcategorias estão ligadas as três categorias e foram criadas por meio das questões do roteiro de entrevista da pesquisa.

Das vinte e três questões do roteiro foram elaboradas dezesseis subcategorias. A categorização foi realizada então a partir da elaboração de um quadro, contendo as categorias, subcategorias, os trechos com a síntese dos discursos dos pesquisados, além de apresentar o significado dessa síntese. No quadro 6 pode-se observar um exemplo da categorização.

Quadro 6: Categorias e subcategorias da pesquisa.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
<b>Caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande.</b>	Autocaracterização do trabalho e atividades desenvolvidas na festa de São João em Campina Grande.
	Quantidade de anos que trabalha na festa de São João em Campina Grande.
	Gestão do empreendimento na festa de São João em Campina Grande.
	Nível de escolaridade e necessidade de grau de escolaridade maior.
<b>Aspectos da Economia Popular que</b>	História de como começou a trabalhar na festa de São João em Campina Grande.
	Ajuda e parcerias no desempenho das atividades e na preparação das mercadorias a serem comercializadas na festa de São João em Campina Grande e experiência prática.

<b>contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande.</b>	Composição da renda familiar.
	Meio de aquisição dos conhecimentos para trabalhar e conhecimentos necessários para a realização do trabalho na festa de São João em Campina Grande.
	Relacionamento com outros trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João em Campina Grande.
	Compreensão da ética dentro da atividade exercida na festa de São João em Campina Grande.
<b>Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande.</b>	Reação a dificuldades e circunstâncias diferentes no trabalho na festa de São João em Campina Grande.
	Seleção ou cadastro para trabalhar no São João em Campina Grande, dentro do Parque do Povo.
	Participação em algum grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande.
	Gestão, liderança, manual, regimento, estatuto e outros documentos relacionados a grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande.
	Sistema de solidariedade, de ajuda mútua, cooperação relacionado a grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande.

Fonte: Elaborado pela autora

### 3.3 Sujeitos da Pesquisa

Buscando atender aos objetivos deste estudo, compreende-se que os sujeitos desta pesquisa são os pequenos comerciantes, que trabalham na festa de São João de Campina Grande, no local de maior concentração dos festejos juninos, o Parque do Povo.

Primeiramente entramos em contato com a prefeitura municipal de Campina Grande, na Secretaria de Desenvolvimento Econômico – SEDE, com os responsáveis pela Coordenadoria de Turismo. Nos foram concedidos, pela SEDE, os cadastros dos sujeitos desta pesquisa e a partir disto, fizemos uma triagem e separamos os empreendimentos de grande porte, dos empreendimentos de pequeno porte, sendo estes os que interessam a esta pesquisa.

Para identificação dos pesquisados foram utilizados códigos, para preservar o sigilo da pesquisa, como pode ser visto no quadro 7:

Quadro 7: Identificação dos pequenos comerciantes que trabalham na festa de São João de Campina Grande

<b>TRABALHADORES</b>	<b>CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO</b>
Ambulantes (bebidas, pipocas, tabuleiro – baleiro). <b>Total = 10</b>	A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8, A9, A10.

Quiosques (lanches, petiscos e bebidas). <b>Total = 09</b>	Q1, Q2, Q3, Q4, Q5, Q6, Q7, Q8, Q9.
Barracas – pirâmide: lanches, bebidas e petiscos. (3x3). <b>Total = 02</b>	BP1, BP2.
Barraca – área de alimentação (3x4). <b>Total = 05</b>	BA1, BA2, BA3, BA4, BA5.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir destes cadastros, os pesquisados foram escolhidos a partir de alguns critérios: a) ser cadastrado junto a prefeitura municipal de Campina Grande, na festa de São João; b) não trabalhar em restaurante (grande porte); c) ser trabalhador ambulante, trabalhador de quiosque ou trabalhador de barraca; d) trabalhar dentro do Parque do Povo na festa de São João.

O pequeno comerciante da festa de São João de Campina Grande, em sua maioria, são trabalhadores autônomos, podendo ser informais ou formalizados. Como esta pesquisa estuda Economia Popular e a Economia Solidária não se mostrou interessante trabalhar com os grandes empreendimentos na festa, já que, os mesmos, não atenderiam aos objetivos da pesquisa, dessa forma os trabalhadores pesquisados, geralmente, trabalham comercializando lanches, comidas regionais, petiscos, bebidas alcoólicas, refrigerantes e sucos.

Entre os pesquisados, mesmo dentro do mesmo seguimento, foi possível ver algumas diferenças que também foram observadas em seus cadastros. Os trabalhadores ambulantes estão divididos pelas mercadorias que comercializam, por exemplo, os que comercializam bebidas e que ficam na área de show da festa, com suas caixas térmicas fixas; também tem os que comercializam brinquedos na festa, bijuterias e acessórios; além daqueles que comercializam desde pipoca, crepe, churros até bombons. Os trabalhadores de quiosques trabalham, geralmente, comercializando lanches, petiscos, bebidas alcoólicas, refrigerantes e sucos. Já os trabalhadores de barracas comercializam comidas regionais, petiscos, caldinhos, lanches e bebidas em geral e outras refeições, como pode ser observado pelas fotografias abaixo:

Fotografia 2: Estande de um trabalhador ambulantes que vende brinquedos e outros acessórios:



Fonte: Elaborado pela autora.

Fotografia 3: quiosques na festa de São João de Campina Grande.



Fonte: Elaborado pela própria autora.

Fotografia 4: Barracas (3x3) na festa de São João de Campina Grande.



Fonte: Elaborado pela autora.

Fotografia 5: Barracas (3x4) na festa de São João de Campina Grande



Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados desta pesquisa, cujos dados para análise foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com os pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande – PB, que trabalham no Parque do Povo, local de maior concentração da festa junina. As entrevistas foram

gravadas mediante autorização e transcritas na íntegra. A partir delas foi realizada a categorização dos dados, tomando como base os objetivos, as questões do roteiro, bem como os discursos dos entrevistados.

Consideramos três categorias da pesquisa, as quais correspondem aos objetivos específicos da mesma, a saber: (1) Caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; (2) Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande e (3) Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande. A cada categoria foram vinculadas subcategorias, as quais correspondem as questões do roteiro de entrevistas, conforme se pode observar no quadro 5 na sessão de procedimentos metodológicos.

#### 4.1 Caracterização da atividade empreendedora no São João de Campina Grande.

Esta categoria corresponde ao primeiro objetivo específico “Caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande”. Para tal, buscamos identificar o tempo que os comerciantes entrevistados atuam no Parque do Povo e como eles se autodeclaravam em relação a seu trabalho na festa junina de Campina Grande.

Os pesquisados trabalham em média há 17,65 anos no Parque do Povo, na festa de São João de Campina Grande. Como pode ser observado no quadro 8 abaixo, os trabalhadores Ambulantes têm a maior média em anos de trabalho, correspondendo a 19,2 anos, seguidos dos trabalhadores de Quiosques com 17,11 anos em média e dos trabalhadores de barracas (barraqueiros) com 16,14 anos em média.

Quadro 8 – Média dos anos de trabalho dos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande.

Trabalhadores da festa de São João de Campina Grande	Quantidade de anos que trabalha na festa de São João em Campina Grande	Média dos anos de trabalho
<b>Trabalhadores Ambulantes</b>	A1: 25	19,2
	A2: 10	
	A3: 10	
	A4: 11	
	A5: 15	
	A6: 30	
	A7: 30	
	A8: 36	
	A9: 10	
	A10: 15	
	Q1: 30	

<b>Trabalhadores de Quiosques</b>	Q2: 25	17,11
	Q3: 22	
	Q4: 08	
	Q5: 23	
	Q6: 10	
	Q7: 20	
	Q8: 15	
	Q9: 01	
	<b>Trabalhadores de Barracas</b>	
BP2: 25		
BA1: 10		
BA2: 14		
BA3: 10		
BA4: 22		
BA5: 15		

Fonte: Elaborado pela autora a partir de pesquisa de campo.

Quando questionados quanto a autocaracterização dos seus trabalhos os pesquisados responderam em maioria que se consideravam autônomos. Alguns deles ao caracterizar-se usam mais de um termo, além de autônomo, para definir suas atividades laborais, como por exemplo, “autônomo e por conta própria”, “autônomo e formalizado” ou “autônomo e informal”, conforme podemos observar nos discursos abaixo:

É um **trabalho informal** [...] Eu sou ambulante toda vida, **desde pequeno que sou autônomo** [...] Trabalho todo fim de semana em evento fora de época no estado todo, trabalho em João Pessoa, trabalho no Folia de Rua, trabalho no bloco das Muriçocas, trabalho no Barra Bode em São Miguel, trabalho no Bode Rei em Cabaceiras, trabalho no Bode na Rua na cidade de Gurjão e trabalho em evento fora de época como emancipação política, aniversário de cidade e daí por diante. (A6)

Eu **sou autônoma**, quer dizer por conta própria. É eu que batalho [...] Bem, eu sou vendedora, né? Eu trabalho vendendo água, bebidas, refrigerantes, só, no meu caso eu só vendo bebidas. (A9)

Tem um pouco de tudo aí, **autônomo**, por conta própria, informal, ele agrupa tudo isso aí, estando dentro desse padrão aí [...] Eu trabalho caiirosca, com drinks, com drinks e outras bebidas”. (Q2)

É **autônomo e formalizado** [...] Eu trabalho com bar, tenho 13 anos de bar. Bar com bebidas, comidas, músicas de qualidade, a gente presa muito por isso. (BA2)

De acordo com Vasconcelos e Santiago (2017) boa parte da literatura associa o trabalho por conta própria à informalidade, porém nem todo trabalho autônomo deve ser encarado sob o prisma da informalidade. Os autores defendem que, caso o trabalhador esteja coberto por arranjos formais, dentro da legalidade, o trabalho pode ser considerado formalizado. Com base na visão dos autores citados, os pesquisados, que trabalham no Parque do Povo durante a festa de São João, sobre os aspectos da

legalidade trabalham sobre contrato de prestação de serviço para a prefeitura de Campina Grande, pagam taxas para poderem trabalhar no local de evento (Parque do Povo), assim, sob esses aspectos estão formalizados. Porém, sobre o aspecto de terem que possuir registro de sua atividade no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ e contribuir para a previdência social, em alguns casos não se configura como um trabalho formal, pois nem todos os trabalhadores possuem registro e nem contribuem com a previdência social.

É importante citar que os discursos, acima, apresentam uma caracterização feita a partir das percepções dos próprios entrevistados, independentemente do entendimento, dos mesmos, quanto a suas autodeclarações. Outro ponto a se discutir é que tanto Santiago e Vasconcelos (2017), quanto Moutian e Diaz (2018) entendem os termos “trabalho por conta própria” e trabalho “autônomo” como sinônimos, dessa forma usaremos aqui os dois termos para discutirmos um mesmo significado.

Quando questionados sobre a gestão de seus comércios na festa de São João de Campina Grande percebemos que maioria dos entrevistados vinculam a gestão à experiência, como podemos observar nas falas de A2, A5, Q6, BP1 a seguir:

No São João a gente costuma dizer que é o décimo terceiro da gente né?! Aí a gente se empenha muito, que dá o melhor, tanto pra as vendas, quanto para atender os clientes. É o nosso décimo terceiro na verdade [...] **a experiência conta muito**, porque essa pipoca, essa doce é feita muito antes de vim trabalhar, feita em casa, mas aí ela passa trinta dias, aí nisso ela tem que ter o ponto, se você não souber o ponto você perde material, tudo isso **tem que ter a experiência**. (A2)

A **minha experiência é boa**, porque eu já sou aprendiz, rodo por muito canto e aprendi um pouco e é isso aí. (A5)

Esse período é um período que eu me dedico muito. Eu vivo só pra o quiosque. Esse período eu me mudo pra cá, pra o Parque do Povo. Eu faço tudo. Eu faço compra, eu faço limpeza, eu abro, tem uma pessoa que me ajuda, chega só no horário que eu abro, mas o restante tudo sou eu [...] **O aprendizado nunca para, nunca acaba e todo dia eu aprendo um pouquinho. Todo ano eu tenho uma experiência e aprendo mais um pouco**. Por mais que você tenha a experiência de dez anos, quando você chega há onze anos **sempre tem uma coisa nova a aprender**. (Q6)

A **gestão é minha**, eu desenvolvo, compro a mercadoria, atribuo lucro em cima que não seja abusivo e vendo [...] Eu acredito que **nem sempre a gente sabe de tudo. Sempre tem que estar se aprimorando**. Mas o **conhecimento prático** que eu tenho no decorrer dos anos me dá uma segurança melhor do que se eu procurasse especialista. (BP1)

Ao vincularem a gestão de seus empreendimentos à experiência prática, fica claro que a definição das competências pela ótica da qualificação não se adequa aos trabalhadores da festa de São João de Campina Grande, já que a maioria deles tem baixo grau de escolaridade como pode ser visto no quadro 9. Além disso, em seu discurso BP1 afirma que seu conhecimento prático de experiências anteriores lhe traz reflexões sobre as ações presentes, o que demonstra uma identificação com os modelos de Competências Profissionais de Cheetam e Chivers (1996, 1998, 2000) e Paiva (2007). E no modelo de Competências Laborais de Paiva (2012), mais especificamente na componente funcional que trata de conhecimentos de especificidades do trabalho e processos relacionados, e mantém capacidades mentais e físicas para realização do trabalho.

Outros pesquisados apontam que a gestão do empreendimento está ligada ao investimento que é feito para o funcionamento (fala A4) e as despesas que têm para um estabelecimento funcionar (fala A3) ou às funções executadas por todos em seu empreendimento (fala BA2):

É tudo previamente calculado, o investimento, a margem de lucro. É somente isso. (A4)

No momento trabalha eu e outro rapaz administrando, em termos de despesas é em torno de 2 mil reais. (A3)

Hoje a gente está com uma equipe de seis pessoas comigo, **eu fico na parte de abastecimento**, na parte de produção cultural, na parte dos eventos que tem no bar. **Minha filha fica na parte de gerenciamento e administração**, que ela é gastrônoma e aí ela fica nessa parte da elaboração dos pratos, na questão da gestão com os funcionários, e os **funcionários trabalham com a gente no atendimento**. (BA2)

Essas funções também podem ser observadas pelo modelo de Paiva (2012), a partir da componente funcional, quanto ao planejamento e processos de organização da atividade, assim como também pode ser observada por uma das áreas das Competências Empreendedoras de Man e Lau (2000), mais especificamente a área da competência administrativa, em que em seu foco comportamental relaciona a competência à organização de diferentes atividades internas e recursos externos humanos, físicos, financeiros, e tecnológicos.

Quanto ao grau de escolaridade (quadro 9) dos pesquisados, nota-se que os trabalhadores com grau maior de escolaridade desempenham atividades laborais em barracas. Dos trabalhadores ambulantes a maioria (seis) possui ensino fundamental incompleto, com exceção do entrevistado A4, que tem o ensino superior em andamento:

No momento estou cursando engenharia civil. (A4)

A maioria dos trabalhadores de quiosques (seis) possui ensino médio completo e quatro possuem ensino fundamental incompleto. Já os trabalhadores de barracas estão divididos entre dois com ensino fundamental incompleto, dois com ensino médio completo e três que possuem ensino superior completo. No total, em média, a maioria (doze) dos pesquisados possuem ensino fundamental incompleto.

Quadro 9: Grau de escolaridade dos pequenos comerciantes da festa de São João de Campina Grande

<b>Grau de escolaridade</b>	A1: Ensino fundamental incompleto.	<b>Ambulantes</b>
	A2: Ensino fundamental incompleto.	
	A3: Ensino fundamental incompleto.	
	A4: Ensino superior em andamento.	
	A5: Ensino fundamental incompleto.	
	A6: Ensino fundamental completo.	
	A7: Autodidata.	
	A8: Ensino fundamental incompleto.	
	A9: Ensino médio	
	A10: Ensino fundamental incompleto.	
<b>Grau de escolaridade</b>	Q1: Ensino médio completo.	<b>Quiosques</b>
	Q2: Ensino médio completo.	
	Q3: Ensino fundamental incompleto.	
	Q4: Ensino médio completo.	
	Q5: Segundo grau completo.	
	Q6: Segundo grau completo.	
	Q7: Ensino fundamental incompleto.	
	Q8: Ensino fundamental incompleto.	
	Q9: Ensino médio completo.	
<b>Grau de escolaridade</b>	BP1: Ensino superior completo.	
	BP2: Ensino fundamental completo.	

	BA1: Ensino superior completo e pós-graduação (mestrado).	<b>Barracas</b>
	BA2: Ensino fundamental incompleto.	
	BA3: Ensino superior completo.	
	BA4: Segundo grau completo.	
	BA5: Ensino médio completo.	

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante observar a relação entre a experiência prática e o nível de escolaridade, pois a maior parte dos pesquisados afirmam que apesar do baixo grau de escolaridade a experiência prática lhe garantiu o aprendizado necessário para exercer suas funções.

Segundo Laville (2009) muitos dos trabalhadores que constituem a Economia Popular tem baixo grau de escolaridade ou não possuem grau de escolaridade, como no caso de uma trabalhadora ambulante que afirma não possuir nenhum grau de escolaridade, mas que se considera autodidata, a mesma sabe ler e escrever e tem conhecimento de matemática básica e conhecimento necessário para realizar o seu trabalho e afirma que aprende, mas sem a necessidade do ensino convencional das escolas:

Tenho nada, **aprendi no mundo** [...] Não entra na cabeça de jeito nenhum. Eu aprendo, mas sem ser na escola, entendeu? (A7)

Há também os trabalhadores que acreditam que suas funções não exigem um grau de escolaridade maior, por isso afirmam não terem a vontade de estudar mais, como os discursos de A2 e Q9:

Até a quinta série [...] **Nessa minha função não**, porque o modo como a gente trata os clientes, com educação, aí num preciso muito, **porque a gente não mexe com assinatura, com essas coisas.** (A2)

Ensino médio completo [...] **Pra essa profissão eu creio que não.** A gente trabalha mais com comida. (Q9)

E ainda há aqueles que acreditam que apesar do trabalho como comerciante na festa de São João não necessitar de maior grau de escolaridade, há um desejo de continuar estudando, como no caso dos entrevistados BP1 e BA1, como pode ser observado abaixo.

Ensino superior completo [...] **Não sinto a necessidade, mas se eu pudesse eu faria outro curso.** (BP1)

Pós-Graduação, eu terminei o mestrado [...] Não, mas **eu quero fazer o meu doutorado.** (BA1)

#### **4.2 Aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande.**

Depois da caracterização da atividade empreendedora, foi necessário identificar informações a respeito das atividades laborais que os pesquisados desenvolvem e como desenvolvem, para assim poder chegar a segunda categoria que é representada pelo objetivo específico “Identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande”. Para tanto buscou-se a história de como os pesquisados começaram a trabalhar na festa de São João em Campina Grande.

Entre os motivos que levaram os pesquisados a trabalharem no Parque do Povo, durante a festa de São João de Campina grande, estão a necessidade de trabalhar e o sustento da família:

Eu **comecei a trabalhar por necessidade**, eu tinha ganhado neném a pouco tempo, não tinha renda e não tinha como ganhar dinheiro e tive que vim pra cá. Aí comecei, aí na época eu trabalhava até ali embaixo na Pirâmide, aí fui gostando e gostando e tô aqui até hoje. (A9)

Foi **por necessidade**, eu era cliente deles, aí vi todo mundo com dinheiro e comecei devagar, devagar e cheguei e eu tenho comércio na rua, é informal, um carrinho de cachorro quente. (BP2)

Junto a necessidade, alguns dos pesquisados viram a oportunidade da criação de uma renda extra, mesmo que sazonal, durante a festa de São João, como mostram os relatos abaixo:

**Foi uma necessidade**, que eu trabalhava com brinco, viajando para várias cidades, só que eu sou daqui de Campina, e **a necessidade de trabalhar** aqui no São João era grande, porque eu tinha criança pequena [...] Já trabalhei com bebida, criei um chapeuzinho que era no diadema também, ai depois que todo mundo começou a fazer eu parei e já fui pra outra coisa, né. (A2)

**Através da necessidade.** Aqui é como **um décimo terceiro** pra a gente e uma renda extra é sempre bem-vinda. (A4)

Quando eu comecei a minha menina tinha um ano. **A gente começou porque foi necessidade mesmo**, que meu esposo estava desempregado e eu também, aí a gente começou a trabalhar no Parque do Povo, aí veio a ideia de fazer a cachaça artesanal e a gente fez e deu certo e até hoje deu certo e a gente tem até *food truck*, [...] a gente abriu o *food truck* já pra aproveitar o engate do Parque do Povo e trabalhar o ano inteiro [...] Primeiro eu comecei como ambulante, aí fui fazendo a inscrição pra poder entrar como barraqueira, consegui uma barraca, aí no outro ano eu perdi, mas consegui um quiosque, eles me tiraram da barraca e perguntaram a mim se eu queria um quiosque e eu aceitei e eu gostei de ficar colocando quiosque. (Q5)

O pesquisado A2 mostra que além de saber aproveitar a oportunidade de conseguir uma renda durante a festa, também manifesta flexibilidade e empenho em trabalhar com atividades e produtos distintos, além da criatividade para criação de novos produtos (“criei o chapeuzinho no diadema”). Por fim, apresenta expertise na hora de mudar o produto, quando todos começam a trabalhar com o mesmo produto, para manter o seu sustento. Já a pesquisada Q5, além de ser motivada a trabalhar na festa pela necessidade, ampliou o seu empreendimento e conseguiu mantê-lo em outras épocas do ano, além da festa de São João, também conseguiu migrar de modalidade de empreendimento na festa de São João, de trabalhadora ambulante para trabalhadora de quiosque. Os discursos acima mostram uma das áreas das Competências Empreendedoras, a área da Competência de Oportunidade que relaciona-se ao reconhecimento de oportunidades de mercado através de vários meios, como no caso da entrevistada Q5 que migrou de modalidade de empreendimento na festa e no caso do pesquisado A2 que mudou de atividade ao perceber saturação no mercado do produto que comercializava.

Sendo a Economia Popular uma economia que emerge de comportamentos reativos da população trabalhadora em luta por reproduzir a sua vida (CORAGGIO, 1999), a necessidade e o sustento da família são fatos impulsionadores para que pessoas sem emprego usufruam da oportunidade de entrarem no mercado de trabalho popular, seja legalmente, como no caso da festa de São João de Campina Grande ou informalmente, sem nenhum contrato ou vínculo de trabalho legal, como pode ocorrer fora da festa ou em outros períodos do ano.

Em seu discurso BA3 relata que alugava sua casa, que fica dentro da área do evento, no Parque do Povo, para outras pessoas trabalharem durante o período da festa de São João, dessa forma viu uma oportunidade de empreender e, ao invés de alugar, passou a comercializar caldinhos durante o período junino. Já a ampliação do

empreendimento também pode ser vista no discurso de BA1 que viu no Parque do Povo uma oportunidade de dar maior visibilidade a um empreendimento que já tinha:

Eu morava na Liberdade e meu esposo, que eu convivo com ele há mais de dez anos, a mãe dele morava aqui, aí assim que a mãe dele faleceu nós viemos morar aqui nessa casa, aqui em frente ao Parque do Povo. E a gente sempre alugava antes de eu vir morar aqui, a gente sempre alugava pra um pessoal de Pernambuco pra comercializar caldinhos, aí eu falei pra meu esposo porque não a gente trabalhar e ganhar um dinheirinho extra. Aí ele concordou e daí pra cá eu coloco caldinho a esses anos todos. (BA3)

Eu tinha uma pizzaria e o Parque do Povo, por ter bastante turistas e pessoas, a gente buscou o espaço pra está vendendo dentro da festa. (BA1)

Os relatos acima mostram uma área da competência empreendedora, a Competência de Oportunidade (MAN e LAU, 2000) que está relacionada ao reconhecimento de oportunidades de mercado a partir de vários meios. Outro motivo para alguns dos pesquisados quererem trabalhar no local foi o fato de algum familiar trabalhar ou já ter trabalhado no Parque do Povo, durante a festa de São João:

Comecei a trabalhar **ajudando a minha mãe**. (A10)

Olha, é como eu te falei, **eu nasci e me criei aqui**. Meu pai e minha mãe são comerciantes do Parque do Povo desde a segunda edição, ou seja, mais de trinta anos. Eu era bebê de colo, minha mãe me trazia pra cá e eu ficava debaixo do balcão dormindo dentro de uma cesta, antigamente era cesta e eu dormia nessa cesta. E aí foi passando os anos e eu fui crescendo e todos os anos meu pai aqui, minha mãe aqui, minha família toda aqui e aí eu me tornei o comerciante. (BP1)

Nota-se que além da motivação da família, a transferência dos conhecimentos ocorre de forma natural, pela observação e pelo saber-em-ação, características das Componentes Cognitivas, Funcional e Pessoal (CHEETHAM e CHIVERS, 1996, 1998, 2000).

A maioria dos pesquisados que ocupam as modalidades de trabalhadores de quiosques e trabalhadores de barracas começaram suas atividades laborais no Parque do Povo como trabalhadores ambulantes, como é possível observar nos discursos abaixo:

**Eu comecei a empurrar um carrinho de bebida**, que no tempo tinha aquele pau do índio, tinha outras bebidas que vendia em copinho, era como ambulante. (Q3)

Primeiro **eu comecei como ambulante**, aí fui fazendo a inscrição pra poder entrar como barraqueira, consegui uma barraca, aí no outro ano eu perdi, mas consegui um quiosque, eles me tiraram da barraca e perguntaram a mim se eu queria um quiosque e eu aceitei e eu gostei de ficar colocando quiosque. (Q5)

**Comecei como ambulante** [...] antes a gente fazia inscrição e trabalhava como ambulante e aí foi se gerando até eu conseguir um quiosque e já estou nele a mais de doze anos. (Q7)

Eu **comecei a trabalhar como ambulante, num carrinho de churrasco**. Com um carrinho de churrasco e uma caixa de cerveja, aí depois eu batalhei e consegui um quiosque pra mim. (Q8)

[...] Então antes de vim pra cá eu tinha colocado um bar lá em Maracaípe, no litoral sul de Pernambuco e lá eu comecei a desenvolver umas cachaças de sabor, temperadas, aí eu vim com essas cachaças para Campina Grande em 2005, no São João. Aí **eu cheguei aqui puxando um carrinho de feira** com umas garrafinhas de 200 ml dentro e **comecei vendendo como ambulante** cachaça dentro do Parque do Povo. Em 2006 a gente colocou o primeiro quiosque, aí foi 2006, 2007 e 2008. Em 2008 coloquei o primeiro bar aqui e aí virou uma febre o bar cresceu muito, cresceu mais que o nome. (BA2)

**Eu comecei lá no meio da rua, como ambulante**, vendendo no carvão, aí disso aí saí arrumando confusão pra poder entrar aqui dentro mesmo (Parque do Povo), aí entrei nos empurrões mesmo, eu colocava pra dentro e eles me colocavam pra fora e eu entrava nas insistências e acabaram me colocando pra dentro e fazendo meu cadastro e assim eu ganhei minha barraca. (BA5)

Percebe-se nos discursos Q3, Q8 e BA2 que quando começaram a trabalhar no Parque do Povo como ambulantes, os mesmos utilizavam carrinhos de mão para carregarem suas mercadorias e comercializá-las. Esses relatos também trazem a competência de oportunidade e complementarmente a competência estratégica que relacionada à definição, avaliação e implementação da estratégia dos empreendimentos dos trabalhadores da festa de São João de Campina Grande. Também foi observado que a maioria dos pesquisados trabalham com a ajuda da família e amigos, como pode-se observar nos discursos abaixo:

Quando tem muita gente pra atender trago alguém pra auxiliar [...] **Eu trabalho só, mas algumas pessoas ajudam os amigos, os ambulantes** [...] Porque o São João de Campina Grande quem faz somos nós, ambulantes e comerciantes no ramo de barraqueiro, sem nós não existe São João [...] Só o poder público, só a prefeitura só não faz a festa. A festa quem faz somos nós. (A6)

**Trabalho com minha esposa e uma filha** [...] Quando eu preciso eu peço e elas me ajudam. (Q1)

**Eu trabalho com a minha esposa**. É eu e ela, é um fazendo caipifruta e o outro passando o troco. (Q3)

**Trabalha eu e meu esposo, só** [...] Sim, eu recebo. (Q4)

Com alguém, **sempre tem que ter uma pessoa, eu e outra pessoa. É sempre algum amigo, durante um mês, ou um familiar, um irmão [...]** Recebo, porque é difícil demais o investimento e às vezes a gente precisa arrumar emprestado, pedir a parente pra ter que começar. (Q7)

**Minha filha vem me ajudar [...]** Não, eu mesma que preparo. (Q8)

**Familiares, amigos, meu esposo.** (BA5)

Pelos relatos destacados, acima, e com base no conceito de unidade doméstica apresentado por Coraggio (1999), esta unidade pode ser constituída tanto por membros da mesma família, quanto por indivíduos que tenham o mesmo interesse em comum, desta forma os pesquisados que trabalham com familiares e amigos, ou pessoas com interesse em comum fariam parte dessa unidade. Porém Singer (1999) afirma que para a criação de uma economia alternativa ao capitalismo não deve haver recortes pelas unidades domésticas.

Além da família, alguns pesquisados relataram trabalhar com funcionários e/ou amigos (Q9, BA1, BA2, BP1,) e os que trabalham somente com funcionários (A9, Q6, BP2, BA3, BA4), como seguem os discursos. Estes primeiros discursos apresentam aqueles que trabalham com familiares, funcionários e/ou amigos:

A gente recebe sim. Eles vêm ajudar a montar a estrutura, mas aí a mercadoria a gente que arca com tudo [...] Fora daqui temos um bar, com dois funcionários com carteira assinada e **aqui trabalhamos, só entre a família.** (Q9)

**Familiares e funcionários [...]** Sim, sim. **É toda uma força tarefa de familiares, amigos e funcionários** para que a gente possa colocar os produtos a disposição dos clientes [...] Tudo aqui é feito em forma de parceria, é um ajudando o outro, desde a montagem até a desmontagem da festa. Falta alguma coisa de insumo, ou descartável não dá tempo comprar aí o vizinho ajuda, o outro também, há certa irmandade. (BA1)

**Familiares, amigos e funcionários. A minha equipe é formada por pessoas que são amigas há muitos anos** que trabalham com a gente, então no período normal do bar a gente trabalha com seis pessoas, nesse período de São João a gente tá trabalhando com quatorze pessoas. (BA2)

**Trabalho com familiares e funcionários [...]** Com certeza. (BA3)

**Eu, minha filha, meu esposo e uma moça ajuda a gente.** (BA4)

Tem ainda aqueles que citam apenas que trabalham com funcionários:

Eu tenho **uma funcionária**. É **um contrato de um mês** só, porque a gente só passa trinta dias aí. (Q6)

**Só com funcionários. São dois funcionários, comigo três** [...] Sim, principalmente na parte de dinheiro. Todo mundo que está aqui dentro do Parque do Povo nunca tem um capital de giro, aí depois da segunda semana aí já fez um capital de giro, aí melhora se Deus quiser e também há ajuda na preparação da mercadoria. (BP2)

Mesmo havendo pequenos comerciantes que trabalham com familiares e amigos, sendo estas características da unidade doméstica, há também alguns trabalhadores que afirmaram ter funcionários, porém nem todos os pesquisados informaram se seus funcionários trabalham sob a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, porém a pesquisada Q6 afirma que sua funcionária trabalha por meio de um contrato com duração de um mês.

Os pesquisados A4 e A5 afirmaram trabalharem totalmente sozinhos e não ter ajuda no preparo de mercadorias de outros ou fazer parcerias. Já a pesquisada Q5 disse trabalhar com a família, porém não os tratar no trabalho como família e sim como funcionários. Enquanto que o pesquisado A9 se refere as parcerias como a ajuda que recebe de outros trabalhadores na festa. Podemos ver tais discursos abaixo:

Trabalho sozinho. (A4)

Isso **tudo é só comigo**, o que eu gasto é só comida. Não, não tenho ajuda em preparar de ninguém, é só comigo, é um negócio que só dá pra mim mesmo. (A5)

Eu **trabalho com meu esposo e minha filha**, mas eles não são tratados como esposo e filha, são tratados como funcionários porque eles têm hora de chegar que eu exijo deles, hora de chegar, hora de sair e pago a eles direitinho, gosto e quero que eles cheguem com a farda. Eles riem, mas eu exijo [...] Só do meu esposo, ele me ajuda bastante, tanto na parte da decoração que a gente não paga ninguém pra decorar que é um gasto a mais, aí já economiza esse dinheiro. Inclusive a gente já ganhou três anos já de decoração, aí por isso fica eu e ele, aí já economiza bastante pra cachaça e em outras partes que precisarem [...] Só durante o São João. (Q5)

**Tem uns ajudantes que tem que ter, porque aqui pra trabalhar só não dá** [...] Quando precisa a gente tem que ter a parceria. As vezes falta mercadoria, você não tem naquele momento e não tem como repor aí você passa pra o ambulante companheiro, o vizinho aí pede ajuda. (A9)

Sobre a renda familiar, os pesquisados informaram que ela é composta pelo trabalho de um ou mais membros da família, porém quase todos afirmaram que a renda

não é fixa, pois é composta por trabalhos ocasionais/ informais (A6, A8, Q7, BP1), enquanto que alguns dos pesquisados informaram que a renda familiar é composta pelo trabalho formal de todos os membros da família como no caso relatado por BA1. Também houve casos em que somente uma pessoa da unidade familiar tem emprego formal, o restante não possui emprego fixo (Q8, BA5). Segue os relatos abaixo

**Minha esposa é ambulante, mas ela trabalha no ponto dela e eu trabalho no meu ponto [...]** Na minha família praticamente todos trabalham [...] porque se não trabalhar não come. (A6)

**Aqui no Parque do povo só trabalha dois.** Sem ser daqui a gente vive de reciclagem, junta uma coisa aqui e outra ali, até a Bolsa Família que eu tinha foi cortado, aí vivemos de reciclagem, porque emprego está difícil. (A8)

**Só eu que trabalho.** Fora o São João eu não trabalho, eu faço só bico. (Q7)

**Só eu e minha filha, minha filha é quem trabalha,** ela trabalha em uma empresa e eu vivo assim, trabalhando em casa, aí trabalho no Parque do Povo. (Q8)

No geral **só duas, eu e minha esposa.** De certa forma trabalhamos informalmente. (BP1)

**Na minha casa só mora eu e outra pessoa e a renda é composta pelo trabalho de cada um** e agora por essa atividade produtiva. Um de meus familiares trabalha comigo. (BA1)

**Certo mesmo só meu marido.** O resto é tudo balneira dando tiro. Meus familiares trabalham comigo sim. (BA5)

Os relatos acima, mostram que a reprodução da vida de alguns trabalhadores depende, na maioria dos casos, em no trabalho realizado de forma individual, familiar ou associativa, que muitas vezes apoiada no setor informal (KRAYCHETE, 1999).

Os pesquisados relataram os meios de aquisição dos conhecimentos e quais conhecimentos necessários para realização do trabalho na festa de São João de Campina Grande. Alguns dos pesquisados disseram que conseguiram o conhecimento para trabalhar na festa por meio de experiências anteriores em outros trabalhos, enquanto outros relataram que não tinham experiência alguma quando começaram a trabalhar no Parque do Povo, que a experiência foi conquistada por meio da prática no dia-a-dia:

**Eu ajudava o pessoal a montar suas barracas e quiosques, ai teve certo dia que eu comecei a trabalhar pra mim mesmo,** a festa de São João muda a atividade, porque é **um décimo terceiro** que vem de última hora durante o ano [...] E é só atender o cliente bem, pra que ele possa voltar. (A1)

Com a vivência, **com o dia-a-dia, com a necessidade e emprego a gente tem que estar qualificado, lendo e pesquisando [...]** Tem que ser muito

bom em matemática, tem que ser uma pessoa simpática, não pode ter preconceito, tem que ser amigo de todo mundo. (A4)

**Adquiri com o tempo, com o trabalho.** Com o tempo que trabalho aqui na festa, **fui aprendendo aqui dentro**, o conhecimento foi sendo criado aqui no trabalho [...] Conhecimento em chegar na pessoa, saber falar com os clientes, saber a bebida que eu faço nos coquetéis. (Q1)

Porque **quando eu comecei a ir pra festa eu fui aprendendo, apanhei um pouco pra aprender, mas consegui.** Muda algo sim, o São João é o nosso décimo terceiro, é mais de um décimo terceiro, né? Porque é uma renda que a gente espera, quando tem pra mexer numa parede, em um piso em casa. Então, o salário que a gente ganha não dá pra fazer essas coisas, então é pra organizar alguma coisa em casa. Na minha vida muda muito [...] Existe sim [...] existe manipulação de alimentos, existe como atender, eu acho que o bom atendimento, quem não gosta de ser bem tratado, de saber o que está comendo. (Q6)

**Foi na porrada. Foi no dia-a-dia,** comecei sem nenhuma experiência na verdade, com a vontade de empreender mesmo, que é uma coisa que vem do sangue mesmo, desde muito cedo pra empreender nas coisas e estamos aqui, estamos indo acertando umas e errando outras e aí fui me especializando, consegui alcançar melhora. Muda no São João porque a gente agrega mais valor a uma série de coisas, a gente emprega mais gente, todo ano a gente busca inovar mais e fazer mais público, manter o público que a gente já tem e trazer novos públicos [...] **Administração, importantíssimo.** É importante saber as questões de higiene, de manuseio de alimento, de produção de eventos, no meu caso mais específico produção de palco, ajuste de iluminação, de som, dessas questões todas. (BA2)

É tratar bem o povo, fazemos cursos com a vigilância sanitária, e como tratar bem o cliente, e **nesses vinte e cinco anos cada dia que passa é de aprendizagem.** (BP2)

Enquanto alguns trabalhadores não tinham experiência alguma e aprenderam a partir de suas ações, outros trabalhadores trouxeram um conjunto de conhecimentos que já possuíam de experiências passadas para usarem em seus empreendimentos na festa de São João de Campina Grande. Esses trabalhadores tanto se encaixam na Componentes Cognitiva, apresentado nas Competências Laborais de Paiva (2012), quanto podem apresentar a Competência Conceitual que está relacionada a diferentes habilidades conceituais que são refletidas no comportamento do empreendedor e a competência de comprometimento que levam o empreendedor a avançar com o negócio (MAN e LAU, 2000).

Esses pesquisados ainda relataram que como conhecimentos necessários é preciso saber sobre higiene, manuseio de alimentos, atendimento ao público e conhecimentos financeiros. Além dos pesquisados A1 e Q6 é possível ver nos relatos de outros trabalhadores que a atividade que exercem muda por ser durante o período de

São João e por ser no Parque do Povo, pois nesse período se tem uma renda extra, onde muitos dos pesquisados comparam essa renda ao décimo terceiro:

Com as pessoas de fora como você que está aqui, a gente pode se ver no São João, com os turistas, vários de fora, de fora, com os clientes e muito mais, né?! Muda muito porque eu também vou pra outros cantos e aqui é que muda, **aqui é uma benção muito grande, uma renda maior pra mim, é o mês todinho** [...] Chegar o dia e eu está lá, dia e noite e trabalhando. (A5)

**Tem que dar o melhor pra poder manter nossa família, nossa renda em casa**, né? E o São João é muito esperado, é uma vez no ano. Muda, é nós chamamos de o **nosso décimo terceiro adiantado, né?** É nosso décimo terceiro, é sofrido é corrido, mas no final deixa uma renda pra nós, pra pagar pelo menos as contas [...] **O conhecimento específico, como eu posso dizer é do dia-a-dia**, isso que vai ensinando as coisas pra nos mantermos mais normal. (Q3)

**Através de conhecimento daqui mesmo** [...] Muda, porque o São João é uma tradição e atrai muitos turistas e se torna um ponto, **se torna um décimo, se torna uma renda que você não tem em outros períodos.** (Q7)

Os pesquisados também relatam que os conhecimentos que sabem também foram obtidos com membros da família e por meio de estudo e pesquisa, como pode ser lido nos discursos abaixo:

**Com o meu pai** [...] Saber fazer o coquetel, ter conhecimento na área específica, ser *barmen* e ter conhecimento com atendimento ao público, saber atender ao cliente, porque a alma do negócio é o bom atendimento. (BP1)

**Pesquisa. Pesquisei bastante** para como fazer a cachaça artesanal, com o que misturar, com o que não misturar, o que é bom pra mim e para o meu cliente, a gente pesquisou bastante [...] Muda sim, eu tenho bastante reconhecimento tanto pelos meus clientes, como jornalistas daqui da Paraíba, a gente tem bastante reconhecimento sim. Acho que é o dia-a-dia mesmo. Cada dia a gente aprende um pouco. (Q5)

**Tanto na universidade, que me ajudou bastante, quanto na prática.** Muda muito por ser no São João, aqui é provisório, então temos que fazer várias adaptações, sem contar que aqui não temos toda aquela segurança que tem o comércio pronto há meses ou anos [...] **Conhecimento em atendimento e vendas, conhecimento na manufatura dos produtos, conhecimentos gerais pra lidar com o público e com todos os órgãos envolvidos.** Então é multidisciplinar isso aqui. (BA1)

O entrevistado BA1 pode ter seu discurso associado a Componente Cognitivo tanto das competências profissionais de Cheetam e Chivers (2000) quanto das Competências Laborais de Paiva (2012), pois apresenta conhecimentos técnico/ teórico, quanto conhecimentos tácito/ prático e quando fala dos conhecimentos gerais e de atendimento também remete a Componente Funcional.

Quando perguntados sobre relacionamento entre os trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João de Campina Grande, a maioria dos

pesquisados responderam que tem um bom convívio e que há ajuda entre os trabalhadores no Parque do Povo e um dos pesquisados afirma que pela posição de presidente, em uma das associações da festa de São João de Campina Grande, deve conciliar os interesses próprios e o interesse coletivo dos que representa:

É os vizinhos que ficam perto da gente, é a **amizade**, é pra trocar dinheiro, fazer companhia, é assim. (A7)

Eu **me relaciono muito bem com eles, é muito na amizade**. Aqui se um precisar de algo, se faltar um produto pega com o outro, aqui nós temos muita amizade. (Q1)

Como eu sou presidente da associação eu tenho que ser diplomático e além de tomar de conta do meu negócio **eu tenho que tomar de conta dos interesses de toda categoria**. (BA1)

Os entrevistados apresentaram claramente aspectos da Componente Comportamental do modelo de Competências Laborais de Paiva (2012). Essa componente refere o domínio de aspectos comportamentais, relacionais e sociais, entre trabalhadores de atividades semelhantes e, também, distintas. Dessa forma os pesquisados apresentaram autoconfiança, calma, controle das emoções, colegialidade com as normas no trabalho, o que também pode ser apresentado no modelo descrito por Cheetam e Chivers (2000). Ainda foi percebido que os pesquisados apresentaram Competência de Relacionamento (MAN e LAU, 2000) que está relacionada as interações de pessoas para pessoas ou de indivíduos para o grupo, podendo ser vista tanto nos discursos dos trabalhadores ao falarem da amizades e cordialidade, quanto no discurso do presidente da associação ao falar de sua posição perante os interesses coletivos.

A compreensão da ética para os trabalhadores foi relacionada primeiramente ao respeito aos colegas, com a prática de um valor de mercadoria padronizada, como por um preço justo junto ao cliente (A2, A5, BA2). Além do valor das mercadorias, outra associação que fizeram a ética foi o respeito ao cliente na hora do repasse do produto, onde o produto deve ter qualidade (Q6):

Eu acho assim, que **a gente tem que ter ética pra respeitar o próximo, né?** Porque um exemplo tem outro vendedor e se o cliente for pra ele a gente não pode chamar o cliente que está indo pra ele pra vim comprar a gente, porque se fazendo isso é fora de ética. Então assim, **eu tenho que respeitar**. (A2)

Meu preço é um só, não mudo [...] é como eu falei que tem uns que chega e dá o preço menor, **não dá pra a gente tirar o máximo do dinheiro e fica fazendo concorrência** e no máximo é tudo ser tabelado. Q2:

**Mais importante ainda é você ter honestidade e humildade** pra você enfrentar o dia-a-dia do trabalho e a questão também do bom atendimento ao cliente. (A5)

**Ética é uma coisa que todo mundo tem que ter e eu procuro sempre fazer as coisas de uma forma honesta**, praticar um preço justo, sem explorar ninguém, eu sou esquerdista por vida, né? Então assim, tem que ter. **Ética é uma coisa importante.** (BA2)

Meus valores, eu vejo que eu não venderia algo que não fosse consumir, que não presta, que está estragado. **Se não está bom pra mim, não está bom pra o meu próximo, pra meu cliente. Sempre eu me coloco no lugar do cliente.** (Q6)

A ética também foi relacionada a transparência e a prestação de contas por um dos entrevistados que justificou esta necessidade pois é o presidente de uma das associações dos comerciantes da festa de São João de Campina Grande:

Como presidente da associação, é um tema sempre recorrente, porque existem duas associações e esse tema está sempre na mesa. **Tudo que a gente procura fazer é com total transparência, prestação de contas 100% e fazendo com que os comerciantes se sintam representados.** Em relação ao meu negócio próprio, eu acho que é essencial que haja confiança mútua entre funcionários e proprietários. (BA1)

A ética também pode ser associada a componente de mesmo nome que diz respeito a empatia em termos de valores pessoais e relacionados ao trabalho, havendo assim sensibilidade social/ moral, transparência, adesão a código profissional. Essas características são observadas nas falas acima.

As dificuldades e circunstâncias diferentes no trabalho na festa de São João em Campina Grande que mais foram relatadas pelos pesquisados foi a questão da segurança, já que é uma festa pública, principalmente contra as mulheres comerciantes (Q6 e Q7) pois estão atendendo muitas pessoas alcoolizadas, também foi relatado que segurança na hora da venda é algo que necessita bastante atenção, pois há casos de roubos e furtos de mercadorias e isso tira a concentração do trabalho, mas também é relatado que a festa melhorou muito depois que aumentaram a segurança e que as pessoas só entram no local da festa diante revista:

Tem umas situações que assim, se a gente não tiver com Deus no coração que a gente pode perder a cabeça [...] às vezes uns caras vêm pedir dinheiro, querem roubar, aí a gente tem que saber levar pra não perder a cabeça. (A2)

Sempre procuro ser amiga do cliente, mas é complicado, principalmente por ter que lidar com pessoas alcoolizadas. Não generalizo, mas é bem complicado trabalhar com alguns clientes que estão alcoolizados, não são todos, mas sempre tem aqueles que dão trabalho [...] Tem situações que pega a gente já aperreada com outras situações, que quando chega a ser um problema, nesse momento de movimento, quando chega você termina desconcentrando do seu trabalho. É uma situação complicada quando você

está bem, concentrada e aparece uma pessoa como um ladrão que fica roubando qualquer coisa como o espeto e essas situações assim é muito chata e quando acontece você tem que procurar segurança. Tem que procurar sempre ter alguém que dê um toque. Hoje por ser uma festa fechada melhorou muito, mas se dentro da igreja existe pessoas ruins, imagine numa festa como essa. (Q6)

Às vezes, primeiramente é preciso ter calma e saber contornar todas as situações. E às vezes, eu particularmente como mulher, acabo trabalhando com mulher e às vezes acontecem casos de chegar homem e ver que são duas mulheres né, mas aí eu tento engrossar mais pra eles e ali se resolve. (Q7)

Outras dificuldades relatadas foram relacionadas a comunicação em outros idiomas com turistas estrangeiros (Q1) e referentes a um líquido anti-chamas exigido pelo corpo de Bombeiros e pela organização do evento, por conta de um incêndio no ano anterior (2018) durante a festa:

**Só tenho dificuldade quando chega um turista assim de fora, um estrangeiro**, que não sei conversar com ele, não entendo a língua dele pra nos comunicarmos. A única dificuldade que eu sinto aqui é essa. (Q1)

Olha esse ano tem uma **dificuldade muito grande de se comprar o material, o anti-chamas** né?! Coisa que era pra ter sido antes avisada, antes notificada, meses antes, vieram avisar informal, sem o timbre, aí a gente tem que comprar um material que nem na Paraíba tem. Aí essa dificuldade toda de adquirirmos o material para trabalharmos com êxito e conseguirmos trabalhar esse ano no Maior São João do Mundo. (Q2)

Tem muitas, tem muitas. **E esse ano tem um bocadinho, teve esse negócio do incêndio do ano passado e tem esse produto aqui pra a gente passar que é muito caro**, mas nós vamos superando aí e vai dar certo. (Q3)

Esses discursos sobre as dificuldades e circunstâncias diferentes enfrentadas pelos trabalhadores no Parque do Povo remete a Componente Política de Paiva (2012) que fala sobre as habilidades pessoais e laborais no trato social relativo aos jogos de poder. Também exige Competência de Relacionamento (MAN e LAU, 2000) que se relaciona as interações pessoais ou de indivíduos para o grupo.

#### **4.3 Componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande.**

A última categoria procura o componente solidário e diz respeito ao objetivo específico “verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular”.

Para trabalhar no Parque do Povo durante a festa de São João de Campina Grande é necessário passar por uma seleção e por um cadastro, dessa forma os pesquisados relataram que pagam uma taxa a prefeitura municipal de Campina Grande

para trabalharem no Parque do Povo durante a festa de São João. O processo de seleção e cadastro ocorre com antecedência e são requisitados documentação pessoal, antecedentes criminais e para aqueles que são selecionados e cadastrados é exigido que assistam cursos e palestras com autoridades, como por exemplo, Corpo de Bombeiros, Vigilância Sanitária, PROCON, Polícia, delegado da infância e juventude e etc., ao final desse cadastro são acordados contratos entre o interesse público e os comerciantes que vão trabalhar na festa, como podemos observar nos discursos abaixo:

**Há um cadastro antecipado, tem que pagar tudo antecipado à prefeitura.**

A gente tem que pegar todas as documentações, antecedentes criminais e federais e municipais pra comprovar que não tem problema nenhum com a justiça e você está dentro dessas normas fica fácil de trabalhar. (A4)

Tem. **A gente tem que fazer o cadastro**, ai depois recebe o contrato e depois tem que passar por algumas reuniões, tem um curso de manipulação de alimentos, ai depois assistimos uma palestra com o pessoal das autoridades, tem os bombeiros, a polícia militar, o delegado da infância e juventude, porque a gente não pode vender bebida aos menores. Tem esse pessoal todinho. (Q1)

Selecionou sim, **a gente fez o cadastro** e assistiu a várias reuniões, faz um curso de especialização, tem todo um processo e é muito burocrático pra trabalhar aqui. (Q9)

Há sim. Menina é **tanto curso, agora mesmo foi uma reunião**, nós temos outras com bombeiros, vigilância sanitária, tem um bocado dessas. (BP2)

Sim, há. Há um **recadastramento daquelas pessoas que já tem um comercio** há anos e havendo vagas há um cadastramento de novos comerciantes. Então a todo um tramite que é respeitado, tanto junto à organizadora da festa, a prefeitura, aos órgãos como o PROCON, vigilância sanitária, corpo de bombeiros, há todo um acompanhamento e fiscalização. É muito rigorosa a seleção pra estar aqui. (BA1)

**Tem seleção, tem cadastro, tem que levar documentação**, eles pedem eles pedem antecedente criminal federal e municipal. Meu Cadastro foi ótimo, deu tudo certo. (BA4)

Os pesquisados também relatam que existe uma fila de espera para novos comerciantes poderem trabalhar na festa e que a prioridade são dos comerciantes mais antigos, mas que todos os anos o cadastro deve ser renovado e as documentações e comprovações devem estar em dia, além de haver um cadastro específico para cada seguimento (ambulante, quiosque, barracas, restaurantes):

Veja bem, há uns anos atrás não tinha cadastro, a não serem só os barraqueiros, mas os ambulantes não tinha cadastro, mas estava vindo muita gente de outras cidades, estava invadindo e outros perdendo espaço, ai teve que cadastrar todos os ambulantes, então assim, só trabalha aqui no Parque do Povo quem tiver o comprovante que trabalhou no ano passado, e todo ano está vindo desse jeito, então evita de vim pessoas de Pernambuco, do Rio Grande do Norte, pra trabalhar porque dessa forma tendo esses cadastros toda renda vai ficar com os comerciantes de Campina Grande. (A2)

Tem. Tem dos ambulantes, tabuleiros, vendedores de copos, brinquedos. Tem um cadastro específico. (A3)

Sim. O meu processo tem dez anos, né? Fiz o cadastro na época e todo ano eu renovo, tem que renovar. (A9)

Há sim. A gente tem que fazer uma inscrição, a gente tem que ser já dos anos anteriores e depois o pessoal da organização coloca a gente no lugar que a gente sempre trabalha, só isso. (A10)

Tem gente esperando pra entrar, nós sabe. Fazemos cadastro sim, todos os anos. (Q3)

Tem, sempre teve cadastro aqui na prefeitura pra a gente poder colocar, são selecionadas as pessoas que vem, eles dão prioridade a quem já vem colocando todos os anos e a gente faz esse cadastro, paga tudo direitinho, todas as taxas pra poder trabalhar. (Q5)

Sobre a participação dos pesquisados em algum grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande foi observado que há três associações ligadas a festa. Uma associação representa os trabalhadores ambulantes do estado da Paraíba e não somente os que trabalham no São João de Campina Grande e tem também mais duas associações, essas duas representam os comerciantes que trabalham no Parque do Povo, na festa de São João da cidade, a primeira associação foi criada em 2014 e a segunda associação criada em 2019, foi fundada com ex-membros da primeira associação, além da Associação dos Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba (AMEG), como podemos ver nos discursos abaixo:

Faço sim. A AMEG. Faz um ano que comecei, e graças a Deus o que a gente precisa eles contribuem com a gente. (A3)

Nós temos uma associação que é em todo o estado da Paraíba, Associação dos Ambulantes e Trabalhadores em Geral da Paraíba (AMEG), é a associação da gente. (A6)

Faço, a AMEG, que é a associação dos ambulantes. Tem dois anos que estou nela, mas tem muita gente que já tem mais tempo, até porque a presidente da associação é de João Pessoa. (A9)

Tem, tem a associação daqui dos barraqueiros do Parque do Povo, ela fica aqui do lado. Eu comecei a fazer parte delas aos poucos, eu fui vendo o que ela fazia aí fui e me associei. (Q1)

Faço sim. É uma associação nova que abriu agora e que a gente estava precisando muito, A associação de comerciantes e barraqueiros do Parque do Povo no Maior São João do Mundo, então foi necessário a gente criar essa associação e eu faço parte dela e facilitou muitas coisas pra a gente resolver alguns problemas que estavam pendentes. E tomara que esse ano e o ano vindouro ela cresça mais ainda e do jeito que ela vai crescendo para que a gente alcance os objetivos. (Q2)

São dois grupos de associação de barraqueiros aqui no Parque do Povo [...] os presidentes das associações e eles convém muito, eles trabalham bastante. Eu faço parte da associação. (Q5)

Olhe, é que aqui é o seguinte, tinha uma associação, aí houve um problema, aí criaram outra associação, aí eu migrei dessa primeira associação pra essa segunda. Mas aí nem finalizei essa migração, como se diz, porque eu esperei começar o São João pra saber quem é que está falando a verdade. Mas aí eu ainda participo da primeira associação. (BP1)

Sou presidente da associação dos comerciantes do Maior São João do Mundo, que existe desde 2014, a primeira associação. (BA1)

Eu faço parte aqui da associação dos barraqueiros, [...] eu comecei a fazer parte por meio do presidente da associação, ele perguntou se eu queria participar porque eu sou um membro, uma comerciante, então todos os comerciantes são da associação. (BA3)

A maior parte dos pesquisados fazem parte de uma das três associações existentes na festa. De acordo com Cattani (2003 apud Goerck, 2005) os empreendimentos de Economia Popular podem ser constituídos por clubes de troca, mercados populares, grupos de produção comunitária, associações, cooperativas e etc.

Nessa perspectiva de empreendimentos populares que tenham o componente solidário, Goerck (2005) afirma que os tipos de empreendimentos coletivos preponderantes à Economia Popular Solidária são as cooperativas e as associações de trabalho, produção e de serviço, que geram trabalho e renda. Essas cooperativas e associações trazem consigo os princípios de cooperação, democracia e autogestão. Porém, Vieira, Parente e Barbosa (2017, p.110) descreve que na economia solidária são inseridos apenas

[...] os empreendimentos geradores de trabalho e rendimento ou aqueles ligados diretamente a esses, como as cooperativas de consumo e as de crédito solidário, ou, ainda, os clubes de troca. Excluem-se as associações sem fins lucrativos que não produzem renda para seus sócios.

Foi perguntado aos pesquisados, que afirmaram fazer parte de alguma associação, se havia alguma gestão e liderança dentro do grupo, além de ser perguntado se a associação tinha algum documento com regras, normas, regimento, estatuto.

A gestão tanto na Economia Solidária quanto na Economia Popular Solidária acontece pela autogestão como expõem os autores Silva e Zanini (2014) e Vieira, Parente e Barbosa (2017). Para Singer (2008) a autogestão nos empreendimentos de Economia Solidária ocorre pela gestão dos próprios trabalhadores de forma coletiva e democrática, onde todos tem direito a voto. O autor exemplifica o caso das cooperativas,

porém afirma que caso essas cooperativas sejam maiores há necessidade de presidente, tesoureiro e de algumas funções especializadas (Singer, 2008).

Na festa de São João de Campina Grande a maioria dos pesquisados afirmaram que nas três associações havia a presença de um líder, um presidente e que além do presidente, havia vice-presidente, diretores, fiscais e outras funções. Porém os membros das três associações também afirmaram que todos dentro tinha as mesmas responsabilidades e direitos, como podemos ver nos discursos abaixo:

Na festa de São João de Campina Grande a maioria dos pesquisados afirmaram que nas três associações havia a presença de um líder, um presidente e que além do presidente havia vice-presidente, diretores, fiscais e outras funções. Porém, os membros das três associações também afirmaram que todos tinham as mesmas responsabilidades e direitos, como podemos ver nos discursos abaixo:

Na associação tem o presidente, o vive presidente. Mas **todos trabalham em prol do ambulante**, em prol do trabalhador, de nós trabalhadores [...] A associação trabalha com ambulante e defendendo o ambulante em prol do trabalhador e todos. (A6)

Presidente. **Todos têm a mesma responsabilidade e direito** [...] Existe sim, eles são de uma associação que é cadastrada na Paraíba toda e tem as regras, tem várias regras. (A10)

**Não tem esse negócio de hierarquia não, tudinho se reúnem e resolvem.** Tem o presidente, mas ele só **faz as coisas em conjunto com todo mundo**. Mas tem o presidente, o vice-presidente. (Q1)

Somos compostos por presidente, vice-presidente, diretores e fiscais [...] A única regra que a gente tem é não relacionar a política, não ter nada com politicagem, **o que tiver errado a gente vai criticar e nenhum dos membros da associação pode pleitear um cargo público**. Seja vereador, deputado, ou qualquer um executivo. (Q2)

Sim, tem sim. São dois presidentes, dois vice-presidentes, porque são duas associações. (Q6)

Eu fui um dos idealizadores e junto com outros comerciantes idealizamos, nós projetamos e fizemos a associação, fundamos. Então eu sou sócio, fundador e presidente no segundo mandato da associação. Então foi uma ideia nossa pra a gente ficar mais organizados e está dando certo até hoje. Tanto está dando certo que já está dando cria, que a nova associação foi criada por ex-componentes da nossa [...] Nós temos além de toda a documentação de abertura da associação, nós temos o nosso estatuto, tem o regimento interno e todas as demais regras são debatidas em assembleias. (BA1)

No relato de BA1, o pesquisado afirma ser presidente da primeira associação dos comerciantes da festa de São João de Campina Grande e que a associação a que pertence tem estatuto, regimento interno e que ocorrem assembleias onde são discutidas

as demais regras. Já o pesquisado Q2 afirma que nenhum dos membros da associação (segunda associação, de 2019) pode pleitear um cargo público.

Os pesquisados também foram questionados se havia algum sistema de solidariedade, de ajuda mútua ou cooperação relacionado a associação que fazem parte e a maioria respondeu que sim, disseram que as ajudas que conseguem é por meio das associações, como o empréstimo pelo governo estadual, principalmente para os comerciantes que tiveram seus estabelecimentos queimados pelo incêndio do ano anterior (2018), o líquido anti-chamas e as reivindicações para continuarem trabalhando na festa:

Então isso tudo acarreta na cabeça do ambulante, ele (prefeito) só queria que trabalhasse cinquenta ambulantes, nós temos o direito da gente e sabemos como usar os espaços na hora certa, usamos a câmara de vereadores ocupando e resistindo passamos de seis a sete dias dormindo lá, comendo lá, senhora grávida, criança, adulto, todo mundo, até que ele (prefeito) chegou lá e disse que não ia trabalhar somente cinquenta ambulantes e que iam trabalhar todos. Mas devido ao nosso trabalho, se não fosse nosso trabalho reivindicando nossos direitos só trabalharia cinquenta. (A6)

A gente teve um problema no ano retrasado pra poder entrar e foi aquela batalha, né? Ela (presidente da associação) veio e a gente começou a se entrosar e a galera começou a se reunir e foi como a gente conseguiu entrar, mas a gente estava por um fio pra não conseguir vender e não conseguir trabalhar [...] **Sempre que é alguma coisa relacionada aos ambulantes a gente se reúne pra tentar resolver**, mas não é sempre que a gente consegue. (A9)

A ajuda que conquistamos sobre a abertura da festa, fomos lá e conversamos com os responsáveis sobre a festa e vamos agora abrir aos domingos a partir do meio dia, porque até então não abria, o **caso do empreender que chegou pra a gente fazer o empréstimo, então são essas ajudas a gente vem recebendo da associação.** (Q2)

Assim, se tiver alguém que esteja precisando de alguma coisa a gente faz campanha pelo grupo, se for algum amigo conhecido, pessoas estranhas, ou mesmo com a gente ou com doença a gente tenta ajudar de toda forma que a gente poder. (Q7)

Há ajuda sim. Como eu disse a você, **às vezes a gente não pode resolver uma pessoa só, aí o grupo se reúne** e passa pra a gente. (BP2)

**Ele que conseguiu o empréstimo pra a gente do Empreender, essa ajuda foi muito boa, chegou em uma boa hora**, que até as pessoas que perderam suas barracas no ano passado no incêndio, elas, a maioria não tinha condições de colocar barraca esse ano. Então ele correu atrás do governador, do governo do estado e conseguiu que o empreender disponibilizasse um empréstimo para esse ano, então ele é uma pessoa excelente e tudo que ele puder e tiver ao alcance dele, ele nos ajuda. (BA3)

Singer (2008) em entrevista, cita os princípios da solidariedade, que são a igualdade, igualdade de direito posse coletiva dos meios de produção e autogestão. Além desses princípios foram vistos os princípios de participação, cooperação,

responsabilidade social, reciprocidade e ajuda mútua (NELMS, 2015 e VILCHEZ, 2017). Tanto nos relatos referentes a gestão (A10, Q1, Q2), quanto nos relatos sobre um sistema de solidariedade (A6, A9, Q7) pôde ser observado os princípios de ajuda mútua, reciprocidade, bem-estar, cooperação e igualdade de direitos.

Por último foi perguntado aos pesquisados qual a motivação para participar de grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande e se ocupavam um cargo no mesmo grupo e o tempo que dedicam a esse grupo. A maioria dos pesquisados responderam que os motivos a fazer parte das associações são a união e o esforço coletivo em prol de conquistas para todos, a representatividade que cada classe trabalhadora deve ter, estar próximo aos organizadores do evento e a resolução de problemas relacionados a festa:

Não, é só contribuindo mesmo, como membro. **O que me motiva a fazer parte é que eles mostraram motivos pra a gente fazer parte, né?** Ano passado não íamos trabalhar aqui e esse grupo se moveu, nos juntamos e trabalhamos ano passado e estamos aqui neste ano. (A3)

Não ocupo cargo não, sou só associado. **O que me motiva a fazer parte é porque em todas as classes têm que ter um representante,** então onde a gente for tem que existir um representante, então temos que ter um seguimento, alguma coisa que nos represente. **O tempo dedicado é quando se tem reunião, aí é que a gente se faz presente.** (A6)

Não, eu sou só associado. **Motivou por eu ter contato com a direção da organização da festa.** Tem dois anos que faço parte do grupo. (Q1)

Os pesquisados Q2 e BA1 afirmaram ter cargos dentro das associações que participam, onde o primeiro ocupa o cargo de fiscal e o segundo de presidente. O pesquisado BA1 ainda afirmou que o tempo que dedica a associação é praticamente integral antes e durante a festa, pois sempre está a representar os comerciantes da festa, conforme discursos apresentados a seguir.

**Sou fiscal.** Vou dizer o que me motivou a fazer isso, por causa que tinha uma associação que o diretor não reconhecia os outros diretores, o vice, o tesoureiro, e eu achei a necessidade de ter uma associação de verdade, de partilhar os serviços, então a gente criou essa associação ai pra ver se dá certo, pra ver, se Deus quiser vai dá certo, já está indo bem. É como eu disse a você é uma associação nova, que só tem seis meses, então ela criada justamente pra isso, **pra a gente impedir alguns empecilhos que venha a acontecer no maior São João do Mundo, pra que a gente corra atrás pra resolver certas situações que não são favoráveis a gente.** (Q2)

**Sou presidente da associação. O que me motiva é o desejo de fazer uma melhoria contínua no coletivo e acaba facilitando pra todo mundo quando se tem um esforço coletivo, ao invés de ser um esforço individual.** Nesse período eu dedico quase que 24 horas a essa função e antes desse

período também muito tempo, porque as demandas são enormes, [...] é uma associação que existe desde 2014, que representa os comerciantes, que conseguiu o Empreender Paraíba esse ano para todos os comerciantes e que está conseguindo a implantação do líquido anti-chamas com toda a documentação pra todos os comerciantes. (BA1)

Os demais pesquisados quando respondem quanto ao tempo que se ocupam da associação dizem que sempre que são convocados para reuniões comparecem, mas, parecem não se envolver para além dessas convocações, deixando as decisões e reivindicações nas mãos da associação. Por fim, a autogestão também pode ser vista nas figuras dos presidentes e vice-presidentes, fiscais, tesoureiros, secretários e por meio das assembleias que os membros associados participam.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Essa dissertação teve como objetivo principal identificar o perfil de competências de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. Para chegar ao objetivo principal foram delineados três objetivos específicos, a) caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande; b) identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos Comerciantes do São João de Campina Grande; e c) verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular.

Foram realizadas vinte e nove entrevistas, das quais vinte e seis foram aproveitadas. Os entrevistados, sujeitos da pesquisa, foram chamados ao longo do trabalho de pequenos comerciantes, pois entre eles estavam trabalhadores ambulantes, trabalhadores de quiosques e trabalhadores de barracas (também conhecidos como barraqueiros), tendo essas barracas as dimensões de 3x3 e 3x4. Por meio dos objetivos específicos foram elaboradas as categorias da pesquisa, enquanto as subcategorias foram feitas com base nas questões do roteiro semiestruturado utilizado durante as entrevistas.

Com base nos resultados da primeira categoria, que diz respeito a caracterização da atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande, foi revelado que a média geral dos anos que os pequenos comerciantes, entrevistados, trabalham no Parque do Povo, durante a festa de São João de Campina Grande, é de 17,65 anos e a maior parte deles (doze) possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Ao serem

questionados sobre a necessidade de maior grau de escolaridade, grande parte dos pesquisados responderam que não sentiam essa necessidade, pois para as funções que desempenham não há necessidade de grau de escolaridade maior e os anos de prática de suas atividades lhe garantiram um bom aprendizado para o desempenho de suas atividades.

Os pesquisados trabalham no Parque do Povo via contratos feitos por meio do interesse público (prefeitura municipal de Campina Grande) e a maioria se autodeclara como trabalhador autônomo, além de atribuírem outras designações complementares como “autônomo e formalizado” e “autônomo e informal”.

O termo gestão foi associado a experiência prática que remete a Componente Funcional, onde os entrevistados citam as funções que exercem, as especificidades de suas atividades. O termo também foi associado ao investimento e as despesas que os pequenos comerciantes tem com seus empreendimentos, onde esta nova associação se relaciona a área da Competência Administrativa, em que os pesquisados fazem a organização de várias atividades internas (financeira, organização de material, organização de pessoal, etc.) em seus empreendimentos.

Quanto aos resultados da segunda categoria, relacionados a aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das Competências Empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande, foi revelado que entre os principais motivos que levaram os pequenos comerciantes a trabalharem na festa de São João de Campina Grande estão a necessidade de trabalhar e o sustento da família, além da oportunidade de criar uma renda (mesmo que sazonal) ou obter uma renda extra, alguns dos pesquisados consideram essa renda extra como um décimo terceiro salário, do qual podem contar para usar com alguma emergência ou alguma finalidade específica (como exemplo a reforma de uma casa). A procura do emprego na festa junina, por necessidade e sustento da família pode ser encarada como a busca pela reprodução da vida, vista na Economia Popular. Os pesquisados também declaram que suas rendas são compostas por meio de trabalhos ocasionais e informais, uma minoria dos entrevistados que afirmaram possuir ou algum membro da família possuir emprego fixo e formalizado.

Novamente a experiência prática é trazida pelos pesquisados como fonte de aprendizado, onde alguns dizem que não tinham nenhuma experiência quando começou a trabalhar e outros informam que tinham somente experiências de trabalhos anteriores ou que aprenderam com familiares que já trabalhavam na festa. . A aprendizagem se

relaciona com a componente Funcional em todas as atividades executadas no empreendimento, além do trabalho com a família, com amigos e com pessoas com interesse em comum, além de todas essas características fazerem parte da Economia Popular.

Muitos dos pequenos comerciantes que trabalham nas modalidades de quiosques e barracas destacaram durante suas histórias como começaram a trabalhar no Parque do Povo durante o São João, que aproveitaram a oportunidade por estarem trabalhando na festa a algum tempo para poderem expandir seus negócios e com isso conseguiram migrar de empreendimento, assim muitos revelando que começaram como trabalhadores ambulantes, além de exporem que a oportunidade de estar na festa lhes proporcionaram também a oportunidade de expansão do empreendimento para além da época de São João, em outras épocas do ano, assim o empreendimento passando de uma renda sazonal para uma renda fixa, durante todo ano demonstrando suas capacidades de estratégia.

O relacionamento entre os pequenos comerciantes no Parque do Povo, tanto entre trabalhadores de atividades semelhante, quanto de atividades distintas é de reciprocidade, de ajuda mútua e de amizade e expõe Competência de relacionamento quanto as interações sociais. Os pesquisados associaram a ética aos valores pessoais e relacionados ao trabalho, exemplificando-a na forma de transparência, prestação de contas, preço justo, produtos de qualidade e respeito entre os trabalhadores. Foi identificado que os pesquisados desenvolviam habilidades pessoais, laborais e no trato social para poder contornar os conflitos e problemas que apareciam durante o trabalho, como na questão da segurança, citado que muitas vezes precisaram lidar com pessoas alcoolizadas, assédio e imprevistos.

Com os últimos resultados foi identificado na terceira categoria, que buscava o componente solidário encontrado dentro dos aspectos da Economia Popular na atividade empreendedora do São João de Campina Grande, que a maior parte dos pesquisados fazem parte de alguma das associação existentes na festa de São João em Campina Grande e que entre as motivações que levavam os pesquisados a fazerem parte dessas associações estava a união, o esforço coletivo em prol de conquistas para todos, a representatividade das classes trabalhadoras, a resolução dos problemas relacionados a festa e o fato dos associados estarem mais próximos aos organizadores do evento.

Esses resultados também mostram que os entrevistados que disseram fazer parte de alguma das três associações da festa, de alguma forma, se mostram mais propensos a

aceitarem princípios como reciprocidade, ajuda mútua, cooperação e democracia, que configuram como alguns dos princípios da solidariedade, além de entenderem que o fato de uma associação com muitos membros necessita ser representada por pessoas em cargos específicos como um presidente, um vice-presidente, fiscais, diretores e outras funções, mesmo reconhecendo que todos devem ter o direito a democracia nas decisões tendo direitos e deveres iguais junto ao grupo.

A festa de São João de Campina Grande tem grande representatividade no cenário da cultura nordestina, já que traz traços populares e manifestações folclóricas de toda a região nordeste do país e movimenta a economia de Campina Grande e das cidades circunvizinhas. Além da relevância histórica, a festa proporciona a muitos trabalhadores, que durante a maior parte do ano não tem oportunidade de ter uma renda, de pelo menos durante trinta dias conseguirem desenvolver seus trabalhos, adquirindo uma renda ou aumentando a renda que já possuem, mesmo sazonalmente, além de também proporcionar a visibilidade dos empreendimentos, que fazem parte da festa e de expandirem seus negócios e assim manterem seus empreendimentos durante todo o ano, como é visto no relato da pesquisada Q5 que descreve que começou a trabalhar na festa por necessidade, pois estava desempregada e vivia do trabalho informal e que quando começou desempenhava a atividade de trabalhadora ambulante e com o tempo conseguiu migrar para a função de trabalhadora de quiosque e assim expandir seus negócios na festa, além de também conseguir trazer seu negócio para todo ano por meio de uma oportunidade que surgiu durante a festa junina.

Também foi possível verificar que os pequenos comerciantes, pesquisados, que trabalham no Parque do Povo durante a festa de São João de Campina Grande, em maioria vem do comércio informal, porém durante o período que trabalham na festa estão em situação regular (quanto a legalidade), pois trabalham dentro de arranjos formais. Entretanto, fora da atividade desempenhada na festa e em consequência fora desse arranjo formal, foi revelado durante as entrevistas, que nem todos os trabalhadores contribuem com a previdência social, assim não tendo garantia quanto ao acesso a aposentadoria, ao seguro desemprego, a licença maternidade e ao afastamento do trabalho em caso de doença.

Com base na literatura apresentada durante o trabalho e nos dados obtidos com a pesquisa de campo, podemos dizer que nem todos os pequenos comerciantes, que trabalham no Parque do Povo, durante a festa de São João, fazem parte da Economia Popular, já que a maioria dos pesquisados são trabalhadores autônomos, onde alguns

desses trabalhadores são microempreendedores, enquanto outros trabalhadores são autônomos sem formalização laboral e/ ou não tem um trabalho fixo. E segundo Coraggio (1999), dentro dessa economia não estão inseridos os rentistas, indivíduos que trabalham por conta própria (autônomos) e indivíduos que trabalham em microempresa, porém eles tem aspectos dessa mesma economia por fazerem parte de uma unidade doméstica constituída tanto por familiares, quanto por amigos ou por indivíduos que tenham o mesmo interesse em comum.

Como descrito esses pequenos comerciantes apresentam alguns aspectos populares que podem ser encontrados dentro das características de Competências Empreendedoras e das Competências Laborais<sup>7</sup> (deslocamento do conceito de Competências profissionais para Competências Laborais), como por exemplo, o desenvolvimento da comunicação tanto com seus pares (outros trabalhadores e membros das associações), como pelo o público (turistas e clientes) e quanto pela organização da festa. Alguns dos pequenos comerciantes também conseguiram se autodesenvolver, mesmo em condições difíceis e mesmo com baixo grau de escolaridade como no caso da trabalhadora ambulante (A7) afirma nunca ter estudado, mas que consegue desempenhar suas atividades.

A criatividade também é vista como uma estratégia e oportunidade dos pequenos comerciantes se manterem na festa e conseguir um meio de criação de produto para obtenção de uma renda extra e isso pode ser observado na fala do pesquisado A2 que afirma que mesmo trabalhando como ambulante já vendeu vários produtos desde bijuteria, a adereços juninos, até chegar a vender pipoca, todas essas atividade para se manter trabalhando na festa. Outra característica percebida dentro desses aspectos de economia popular foi que a necessidade e a prática do próprio trabalho muitas vezes foi o meio de aprendizagem e sintetização dos conhecimentos que eles tiveram, como no caso na análise, planejamento e organização de atividade e principalmente na resolução dos problemas encontrados.

Quanto ao componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular que podem ser encontrados na atividade empreendedora do São João de Campina Grande estão a ajuda mútua entre os trabalhadores da festa e entre os membros associados, a reciprocidade e participação que podem ser identificadas em vários momentos durante as falas nas entrevistas, principalmente quando falam sobre a organização e mobilização

---

<sup>7</sup> Permite analisar competências de trabalhadores, independentemente do nível de formalização do trabalho que eles realizem (PAIVA, 2012).

para conseguir uma causa em comum como no caso a aquisição do produto anti-chamas (falas Q2 e Q3) e a mobilização para resolver o problema com cadastro dos ambulantes que não podiam trabalhar na festa (falas A4, A6 e A9), os pesquisados que revelaram participar de alguma das associações também disseram que dentro desses grupos existem funções distintas como presidentes, vice-presidentes, fiscais, etc., mas que ao final tudo é decidido por meio de democracia de decisão.

Mesmo conseguindo colher informações de membros das três associações ligadas a festa de São João de Campina Grande, este trabalho apresenta limitações quanto a não obtenção de opiniões de dois presidentes de duas das três associações presentes na festa, sabendo que as opiniões de outros presidentes poderia ter revelado maiores detalhes e percepções diferentes a respeito das associações e o trabalho na festa junina. Por meio dessa limitação se tem a necessidade de reflexões para estudos futuros a respeito das competências gerenciais dos responsáveis pela gestão das associações existentes na festa junina de campina Grande. Outra perspectiva de pesquisa futura está voltada para a relação entre a aprendizagem e competências, em diferentes níveis de formalização, no comercio da festa de São João de Campina Grande e por fim, a identificação das competências dos gestores da festa de São João de campina Grande.

## REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ, M. I. F. *Más allá de la precariedad: prácticas colectivas y subjetividades políticas desde la economía popular Argentina. Íconos. Revista de Ciencias Sociales.* Num. 62, p. 21-38. Quito, 2018.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo.* 5ed. Lisboa. Edições 70, 2007.

BARROS, L. E. V.; MELO, T. S.; AGOSTINI, C. *Competências Profissionais e Sua Gestão: Um Estudo de Caso Com Médicos.* In: **EnANPAD**: 2014. Anais... Rio de Janeiro/RJ.

- BARROS, L. E. V.; PAIVA, K. C. M. Impactos de Vivências Acadêmicas nas Competências Profissionais: Percepções de Egressos de um Curso de Mestrado em Administração. **Teoria e Prática em Administração**, v.3, n. 1, pp. 96-120; 2013.
- BAUER, Martin W. & GASKELL, George (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Petrópolis, Ed. Vozes; 2015.
- BUNK, G. P. La transmisión de las competencias en la formación y perfeccionamiento profesionales de la RFA. **Revista Europea de Formación Profesional**. 1(94), 8–14; 1994.
- CALLEBERT, R. *Transcending dual economies: Reflections on ‘Popular Economies in South Africa’*. Africa 84 (1) 2014: 119–3. **International African Institute**, 2014.
- CANÇADO, K. B. V. L. Competências requeridas para a atuação em *coaching*: a percepção de profissionais *coaches* no Brasil. **REGE - Revista de Gestão**. 24 (2017) 24–34; 2017.
- CAVEDON, N. R.; FERRAZ, D. L. S. “Tricotando as redes de solidariedade”: As culturas organizacionais de uma loja autogestionada de Economia Popular Solidária de Porto Alegre. **O&S**; v.13, n. 39. 2006.
- CHEETHAM, G.; CHIVERS, G. “Towards a holistic model of professional competence”. **Journal of European Industrial Training**. V. 20; N. 5; 1996.
- CHEETHAM, G.; CHIVERS, G. A New Look at Competent Professional Practice. **Journal of European Industrial Training**. V. 24; 2000.
- CHEETHAM, G.; CHIVERS, G. The reflective (and competent) practitioner. **Journal of European Industrial Training**. V. 22; 7, pp. 267-276; 1998.
- CORAGGIO, J. L. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. Economia dos Setores Populares: Entre a Realidade e a Utopia, 55-81. In: \_\_\_\_\_ Economia dos Setores Populares: Entre a realidade e a utopia. **Editora Vozes**; 1999.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre : **Artmed**, 2010.
- EMPRESA BRASILEIRA DE COMUNICAÇÃO – EBC (2013). Saiba de onde vem a quadrilha, dança típica das festas juninas (2013). Acesso em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2013/06/saiba-de-onde-vem-a-quadrilha-danca-tipica-das-festas-juninas>>. Acesso em 08 de junho de 2019.
- ESTEVES, M. Construção e desenvolvimento das competências profissionais dos professores. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, 08, pp. 37-48. Portugal; 2009.
- FELDER, R.; PATRONI, V. *Organizing the “unorganizable”: The case of popular economy workers in Argentina*. **Journal of Labor and Society**; p. 121–136. 2018.
- FERRAZ, D. L. S.; CAVEDON, N. R. A exclusão e a inclusão social: depoimentos das praticantes da economia popular solidária. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 6, nº 4, 2008.

FERRAZ, D. L. S.; DIAS, P. Discutindo Autogestão: Um diálogo entre os pensamentos clássico e contemporâneo e as influências nas práticas autogestionárias da Economia Popular Solidária. **O&S**. v.15, n.46. 2008.

FLEURY, M. T. L.; FLEURY, A. Construindo o conceito de competência. **RAC**. p. 183-196. 2001.

FLICK, Uwe. **Desenho de pesquisa qualitativa**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Grupo A – Bookman, 2009.

FRANÇA FILHO, G. C. Terceiro setor, economia social, economia solidária, economia popular: traçando fronteiras conceituais. **Bahia Analise e Dados**. V. 12; n. 1; p. 9-19; 2002.

G1 PARAÍBA (2019a). Moleka 100 Vergonha vence Concurso de Quadrilhas Juninas de Campina Grande em 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2019/noticia/2019/06/17/moleka-100-vergonha-vence-concurso-de-quadrilhas-juninas-de-campina-grande.ghtml>>. Acesso em: 14 de julho de 2019.

G1 PARAÍBA (2019b). Confira o mapa e saiba tudo sobre o Parque do Povo no São João 2019 em Campina Grande. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/2019/noticia/2019/05/25/confira-o-mapa-e-saiba-tudo-sobre-o-parque-do-povo-no-sao-joao-2019-em-campina-grande.ghtml>>. Acesso em: 14 de julho de 2019.

GAGO, V.; CIELO, C.; GACHET, F. Economía popular: entre la informalidad y la reproducción ampliada Presentación del dossier. Íconos. Revista de Ciencias Sociales. Num. 62, p. 11-20. Quito, 2018.

GAIGER, L. I. Antecedentes e expressões atuais da economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. V.84; pp. 81-99; 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo. **Atlas**; 2002.

GOERCK, C. Economia popular solidária: no processo de reestruturação produtiva brasileira. **Revista Virtual Textos & Contextos**, nº 4, 2005.

GOGOLA, A. Economia Popular: origem, natureza, dimensão e significado das formas emergentes de auto-ocupação econômica dos excluídos do trabalho assalariado no Brasil. (Dissertação. Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Federal do Paraná. Curitiba; 2007.

GUERRERO, F. C., SERRANO, A. O., DÍAZ, O. P. *Indicadores sociales en instituciones financieras de la Economía Popular y Solidaria*. **Retos VI** (12): 2016.

HONMA, E. T.; TEIXEIRA, R. M. Competências empreendedoras em hotéis de pequeno porte: estudo de múltiplos casos em Curitiba, Paraná. **Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica**. V. 13, n. 1, pp. 52–80; 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA – IBGE. **Cidades – Campina Grande**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/campina-grande/panorama>>. Acesso em: 19 de julho de 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE SEGURIDADE SOCIAL – INSS S. **Trabalhador por conta própria**. Disponível em: <<http://www.inss.gov.br/Inscricao/Paginas/Trabalhador-por-conta-Propria.aspx>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2019.

KRAYCHETE, G. Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia. In.: \_\_\_\_\_ Economia dos Setores Populares: Entre a realidade e a utopia. **Editora Vozes**; 1999.

LAMONATO, C.; PRESSER, N. H. Competências Profissionais e Classe de Comportamentos Requeridos no Mercado de Trabalho nos Meios de Hospedagem. **Turismo em Análise**. Vol. 26, n.4; 2015.

LAVILLE, J. L. A economia solidária: Um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 84, pp. 7-47, 2009.

LE BOTERF, G. Desenvolvendo a competência dos profissionais. 3 ed. trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. - Porto Alegre: **Artrned**; 2003.

LE BOTERF, G. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEITE FILHO, G.; COLARES, A. F. V. Relação entre competências empreendedoras e a taxa de crescimento de vendas de pequenas e médias empresas brasileiras. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**. V.5, n.1; 2016.

LIMA, J. O.; CAVALCANTE, K. O. **Gestão por competências nas instituições públicas**. In: \_\_\_\_\_. Gestão de pessoas por competências nas instituições públicas brasileiras. João Pessoa – PB: Editora da UFPB, 2015.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Competências empreendedoras: um estudo com funcionários administrativos de uma empresa do ramo alimentício. **RPCA**. V. 8; n. 1 p. 164-182 Rio de Janeiro; 2014.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A.; NASCIMENTO, S.; BERVIAN, L. M. Competências empreendedoras e desempenho dos cursos de graduação: um estudo de suas relações a partir da percepção dos diretores de centro. **REPeC**. V. 12, n. 2, art. 4, p. 204-216. Brasília; 2018.

MAMEDE, M. I. de B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: **ENANPAD**: 2005. Anais... Brasília/DF.

MAN, T. W. Y.; LAU, T. Entrepreneurial competencies of SME owner/ manager in the Hong Kong services sector: a qualitative analysis. **Journal of Enterprising Culture**, v.8, n.3, 2000.

- MAN, T. W. Y.; LAU, T. The context of entrepreneurship in Hong Kong: Na investigation through the patterns of entrepreneurial competencies in contrasting industrial environments. **Journal of Small Business and Enterprise Development**. V. 12, n. 4, pp. 464 – 481; 2005.
- MARTINS, L. M.; FERRAZ, M. A.; VIEIRA, A.; OLIVEIRA, F. E. G.; ROQUETE; F. F. Competências Profissionais de gestores de nível estratégico de uma operadora de autogestão em saúde. **Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde – RAHIS**. p. 112-123; 2017.
- MELLO, S. C. B.; FONSÊCA, F. R. B.; PAIVA JÚNIOR, F. G. Competências empreendedoras do dirigente de empresa de base tecnológica: um caso empresarial de sucesso. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**. V. 8, n. 3, p. 50-76; 2007.
- MELLO, S. C. B.; LEÃO, A. L. M. S.; PAIVA JÚNIOR, F. G. Competências empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de médio e grande porte que atuam em serviços da nova economia. **RAC**. V. 10, n. 4, pp. 47-69; 2006.
- MERRIAM, S.B. **Qualitative Research: a guide to design and interpretation**. San Francisco: JosseyBass, 2009.
- MOUNTIAN, A. G.; DIAZ, M. D. M. Aposentadoria e a Transição para o Trabalho por Conta Própria no Brasil Metropolitano. **Nova Economia**, v.28 n.3 p.849-878, 2018.
- MÜLLER, J.; COLLOREDO-MANSFELD, R. *Popular Economies and the Remaking of China–Latin America Relations*. **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, Vol. 0, No. 0, pp. 1–9. 2018.
- MURARI, J. M. F.; HELAL, D. H. O Estágio e o Desenvolvimento de Competências Profissionais em Estudantes de Administração. **EnANPAD**. Rio de Janeiro; 2010.
- MUYLAER, C. J.; SARUBBI JR, V.; GALLO, P. R.; Rolim Neto, M. L. REIS; A. O. A. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Ver. Esc. Enferm USP**; 48(Esp2):193-199; 2014.
- NAÇÕES UNIDAS. **OIT: altas taxas de emprego informal atrasam desenvolvimento de países de América Latina e Caribe**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oit-altas-taxas-de-emprego-informal-atrasam-desenvolvimento-de-paises-de-america-latina-e-caribe/>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.
- NAÇÕES UNIDAS. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2019.
- NASCIMENTO, D. D. G.; OLIVEIRA, M. A. C. Reflexões sobre as competências profissionais para o processo de trabalho nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família. **O Mundo da Saúde**; 34(1):92-96. São Paulo; 2010.

NELMS, T. C. *'The problem of delimitation': parataxis, bureaucracy, and Ecuador's popular and solidarity economy.* *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)* 21, 106-126; 2015.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande.** Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, faculdade de Comunicação, Salvador, 2010.

NUNES, L. S.; DE PAULA, L.; BERTOLASSI, T.; FARIA NETO, A. A análise da Narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas. **Revista Ciências Exatas.** Vol. 23; N 1; p. 9; 2017.

ONU NEWS. **OIT: Mais de 2 bilhões de trabalhadores estão na economia informal.** Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2018/04/1620972>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

ONUBR. **Quase dois terços da força de trabalho global estão na economia informal, diz estudo da ONU.** Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/quase-dois-tercos-da-forca-de-trabalho-global-estao-na-economia-informal-estudo-da-onu/>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO – OIT. **Resolução da 90ª Conferência Internacional do Trabalho (2002).** In.: \_\_\_\_\_ *A OIT e a Economia Informal: O Trabalho Digno e a Economia Informal.* Escritório da OIT em Lisboa; 2006.

PAIVA, K. C. M. DAS “COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS” ÀS “COMPETÊNCIAS LABORAIS”: MODELO DE ANÁLISE E AGENDAS DE PESQUISA. **Tourism and Management Studies International Conference Algarve.** University of the Algarve, Portugal, vol.2, 2012.

PAIVA, K. C. M.; DUTRA, M. R. S.; OLETO, A. F. Contribuições do curso de turismo para a formação de competências profissionais: estudo longitudinal e comparativo com alunos de duas IES brasileiras. **Caderno Virtual de Turismo.** V. 17, n. 1, p.148-161. Rio de Janeiro; 2017.

PAIVA, K. C. M.; NICOLAI, E. F. P. Competências Profissionais: Um Estudo com Gestores do Varejo de Moda do “Barro Preto” - Belo Horizonte (MG). **Teoria e Prática em Administração.** V. 2; n. 2; pp.27-55; 2012.

PAIVA, K. **Gestão de competências e a profissão docente: um estudo em universidades no Estado de Minas Gerais.** 2007. 278 f. Tese (Doutorado em Administração). Belo Horizonte: FACE/UFMG, 2007.

PERDIGÃO, J. G. L. **Dos Costumes ao Espetáculo: A Transformação da Festa Junina Campinense n’“O Maior São João do Mundo”.** Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2014.

PICCHIAI, D. Strategy, Structure and Competences: Three Health Service Companies. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania.** v. 15, n. 56. São Paulo: 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Maior São do Mundo alavanca economia de Campina Grande**. Disponível em: <<https://saojoaodecampinagrande.com.br/maior-sao-do-mundo-alavanca-economia-de-campina-grande/>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. Maior São Joao do Mundo-2019: Evento incrementa a economia de Campina Grande e região. Disponível em: <<https://campinagrande.pb.gov.br/maior-sao-joao-do-mundo-2019-evento-incrementa-a-economia-de-campina-grande-e-regiao/>>. Acesso em: 18 de julho de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. Romero apresenta balanço do São João 2019 e anuncia novidades para o próximo ano. Disponível em: <<http://pmcg.org.br/?p=30368>>. Acesso em: 18 de julho de 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Secretaria de Desenvolvimento Econômico**. Disponível em: <[Econômicohttps://campinagrande.pb.gov.br/secretarias/desenvolvimento-economico/](https://campinagrande.pb.gov.br/secretarias/desenvolvimento-economico/)>. Acesso em: 18 de janeiro de 2019.

RUIZ, M. E.; ORPINELL, G. T.; MARTÍNEZ, P. J.; BENACH, J. ¿Es posible comparar el empleo informal en los países de América del Sur? Análisis de su definición, clasificación y medición. **Gac Sanit**. V.29; n.1; p. 65–71; 2015.

SANTIAGO, C. E. P.; VASCONCELOS, A. M. N. Do catador ao doutor: um retrato da informalidade do trabalhador por conta própria no Brasil. **Nova Economia**, v.27 n.2 p.213-246, 2017.

SHIMIZU, H. E.; FRAGELLI, T. B. O. Competências Profissionais Essenciais para o Trabalho no Núcleo de Apoio à Saúde da Família. **Revista brasileira de educação médica**. 40 (2): 216-225; 2016.

SILVA, J. F.; ZANINI, M. C. C. A Economia Popular Solidária em Santa Maria – RS e suas interfaces. **Revista Eletrônica Gestão & Sociedade**, v.8, n.21, p. 767-781. 2014.

SILVA, J. V. V. M.; KLEIN, A. Z. Possibilidades e desafios do M-learning para o desenvolvimento de competências empreendedoras. **Rev. Ciênc. Admin**. Fortaleza, v. 22, n. 2, pp. 451-482; 2016.

SILVA, L. K.; SENA, R. R. A educação de enfermagem: buscando a formação crítico-reflexiva e as competências profissionais. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. vol. 14, núm. São Paulo; 2006.

SIMON, V. P.; BOEIRA, S. L. Economia social e solidária e empoderamento feminino. **Ciências Sociais Unisinos**, vol. 53; n. 3; pp. 532-5423; 2017.

SINGER, P. “Economia solidária: entrevista com Paul Singer”. **Estudos Avançados**. vol. 22, pp. 288-314, 2008.

SINGER, P. Economia dos setores populares: propostas e desafios. Economia dos Setores Populares: Entre a Realidade e a Utopia, 83-94. In: \_\_\_\_\_ Economia dos Setores Populares: Entre a realidade e a utopia. **Editora Vozes**; 1999.

SOUZA, M. A. M.; TEIXEIRA, R. M. Competências Empreendedoras em Franquias: estudo de multicaseos em Sergipe. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 2, n.2, p. 3-31, 2013.

VIEIRA, N. S.; PARENTE, C.; BARBOSA, A. C. Q. “Terceiro setor”, “economia social” e “economia solidária”: laboratório por excelência de inovação social”, Sociologia: **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Número temático – Processos sociais e questões sociológicas, pp.100-121, 2017.

VILCHEZ, J. L. *The Solution for the Behavioural Constellation of Deprivation: The Popular and Solidarity Economy*. **Sage Journals: Psychology and Developing Societies**. p. 246–263; 2017.

WERLANG, N. B.; FONSECA, J. Competências empreendedoras e startups: um estudo com gestores de empresas embrionárias catarinenses. **ReAT**. V.8, n 4; 2016.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Aprendizagem e Competências Empreendedoras: Estudo de casos de micro e pequenas empresas do setor educacional. **RGO – Revista Gestão Organizacional**. vol. 06, nº 04; 2013.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Cadernos ebape.br**. V. 9, Edição Especial, artigo 6, Rio de Janeiro; 2011.

ZAMPIER, M. A.; TAKAHASHI, A. R. W.; FERNANDES B. H. Sedimentando as bases de um conceito: as competências empreendedoras. **REGPEPE**, v.1, n.1; 2012.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.

ZONATTO, P. A. F.; SBISSA, A. P.; LENZI, F. C.; ZONATTO, V. C. S. Desenvolvimento de competências empreendedoras em ambiente colaborativo: uma análise com profissionais que atuam em escritórios de Coworking. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo – ReAT**. V.10, n.5; 2017.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

**Pesquisa: “Economia Popular: o perfil de Competências Empreendedoras dos pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB”**

Esta pesquisa faz parte de uma Dissertação de Mestrado da discente Adrainne Pâmella Soares Velozo, que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Gostaríamos de contar com sua colaboração, por meio de sua permissão e participação em entrevista individual cujo objetivo é buscar “identificar o perfil de competências empreendedoras de comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular”.

Esclarecemos que sua identidade será mantida em sigilo e que todas as informações prestadas serão utilizadas unicamente para os fins desta pesquisa. Sua participação, portanto, não lhe causará prejuízo algum, mas terá uma contribuição para uma melhor compreensão sobre o perfil de competências empreendedoras dos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. Esclarecemos, também, que sua participação é voluntária e que, caso queira, poderá interromper ou desistir desta entrevista a qualquer hora ou deixar de responder a quaisquer das questões que lhe forem feitas.

Quaisquer dúvidas ou esclarecimentos poderão ser sanados junto à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB, ou por meio do endereço eletrônico **pgpci@ccsa.ufpb.br**.

Se você concorda em participar, agradecemos muito a sua colaboração e gostaríamos que você colocasse a sua assinatura a seguir, indicando que está devidamente informado (a) sobre os objetivos da pesquisa e os usos dos seus resultados.

---

**Entrevistadora**

---

**Entrevistado (a)**

Campina Grande, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
 Centro de Ciências Sociais Aplicadas  
 Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública e Cooperação Internacional – PGPCI  
 Campus Universitário – João Pessoa – PB – CEP: 58.059-900  
 Mestranda: Adrainne Pâmella Soares Velozo  
 E-mail de contato: [apsvelozo@gmail.com](mailto:apsvelozo@gmail.com)  
 Orientadora: Dra. Ana Carolina Kruta de Araújo Bispo  
**APÊNDICE B**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PEQUENOS COMERCIANTES DA  
 FESTA DE SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE, QUE TRABALHAM NO  
 PARQUE DO POVO.**

Esta entrevista tem por objetivo identificar o perfil de competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande – PB à luz da Economia Popular. As perguntas foram divididas em três partes, buscando atender aos objetivos específicos da pesquisa.

<b>Nome</b>	
<b>Local</b>	
<b>Duração da entrevista</b>	

Data da entrevista	
<b>OBJETIVOS</b>	<b>QUESTÕES PARA ENTREVISTA</b>
<p><b>Caracterizar a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande</b></p>	1 – Quais atividades você desenvolve dentro do ambiente de trabalho?
	2 – A quantos anos você trabalha no São João de Campina Grande?
	3 – Como você caracteriza o seu trabalho? Informal, formalizado, assalariado, contrato, trabalho por conta própria, autônomo, ou outros? Por favor, explique.
	4 – Como se dá a gestão do seu empreendimento no São João de Campina Grande? Por favor, explique.
	5 – Você acredita que sua experiência prática é suficiente para o bom funcionamento de seu empreendimento? Explique.
	6 – Qual seu nível de escolaridade?
	7 – Você sente a necessidade de um grau de escolaridade maior? Por favor, explique.
<p><b>Identificar aspectos da Economia Popular que contribuem para o desenvolvimento das competências empreendedoras de pequenos comerciantes do São João de Campina Grande</b></p>	8 – Explique como começou a trabalhar no Parque do Povo durante a festa junina?
	9 – Você trabalha sozinho no local de realização da festa junina de Campina Grande ou trabalha com familiares, funcionários, amigos, sócios ou alguma cooperativa, associação? Por favor, explique.
	10 – Você recebe ajuda de familiares, amigos ou outros para a preparação das mercadorias que comercializa? Explique.
	11 – Como é composta a renda da sua família? Quantas pessoas trabalham? Algum de seus familiares trabalha com você? Explique.
	12 – Você desenvolve atividades em parceria com outras pessoas no seu ambiente de trabalho? Por favor, explique.
	13 - Como você adquiriu os conhecimentos para a realização do seu trabalho? Muda algo por a atividade ser realizada durante a festa de São João em Campina Grande?
	14 - Quais os conhecimentos necessários para realização do seu trabalho? Há algum conhecimento específico para execução das atividades desempenhadas na festa de São João em Campina Grande?
	15 - Como você se relaciona com os outros trabalhadores de atividades semelhantes e distintas na festa de São João em Campina Grande?
	16 - Como você compreende a ética e os valores pessoais e os valores relacionados ao trabalho, dentro da atividade que você exerce na festa de São João em Campina Grande?
	17 - Como Você interage socialmente em relação a dificuldades e circunstâncias diferentes no seu trabalho na festa de São João em Campina Grande?
19 – Você faz parte de alguma associação,	

<p><b>Verificar se a atividade empreendedora encontrada no São João de Campina Grande tem o componente solidário dentro dos aspectos da Economia Popular</b></p>	<p>cooperativa ou algum outro grupo formal ou informal de pessoas que trabalham no período de São João em Campina Grande? Se sim, por favor, explique como funciona e como você começou a fazer parte e a suas experiências junto a esse grupo.</p> <p>20 – Caso você participe de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique como funciona a gestão desse grupo. Há alguma hierarquia, como, por exemplo, um chefe, um líder ou presidente? Ou todos dentro desse grupo têm as mesmas responsabilidades e direitos? Explique.</p> <p>21 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se há algum sistema de solidariedade, de ajuda mútua, cooperação entre os membros desse grupo.</p> <p>22 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se nesse grupo há algum manual com regras, diretrizes, objetivos, metas, missão. Se sim, como funciona?</p> <p>23 – Se você participa de algum grupo mencionado na questão 19, por favor, explique se ocupa nesse grupo algum cargo? Qual a sua função? O que o motiva para o fazer? Quanto tempo dedica a esta função no total da sua atividade.</p>
--	--